3/3 ✓
9.1567
RB185,5

CARTA

DE HUM CAVALHERO FLORENTINO

Ao Reverendissimo P.

LOURENÇO RICCI

Geral da Companhia chamada de Jesus,

Exhortando-o como verdadeiro Amigo à Refórma universal da sua Religiaõ;

Traduzida de Italiano em Portuguez.

Surge qui dormis, & exurge à mortuis.

Ad Ephes. c. 5. v. 14.

MDCCLXI.

Da Livraria do Dor. João ...

Ecce dedi verba mea in ore tuo : ecce constitui te hodie super gentes, & super Regna , ut evellas, & destruas , & disperdas , & dissipes , & ædifices , & plantes.

Jerem. c. 1. v. 9. & 10.

ADVERTENCIA.

ESta Carta cahio da algibeira de hum Eſtafeta, que hia direito para o *Jeſus* de Roma. Levantou-ſe do chaõ; e aſſim pela direcçaõ que levava o Menſageiro, como pelo volume do maço, houve curioſidade de o abrir, e ler. Vio-ſe o que continha, e por zelo em vez de a entregar a quem a perdera, mandou-ſe imprimir. Quem teve eſte atrevimento, delle pede perdaõ ao ſeu nobre Author, quem quer que ſeja, aſſegurando-o, que antes de ſahir da Impreſſaõ, ſe entregará occultamente huma Copia na maõ do

Reverendissimo Padre Geral, conforme o desejo, e intençaõ do Author, &c.

RE-

REVERENDISSIMO PADRE.

O ZELO da noſſa antiga amizade he o motivo, que me obriga a pegar na penna, para vos eſcrever eſtes meus ſinceros ſentimentos; e iſto naõ por modos artificioſos, mas ſimples, quaes convem entre amigos. Naõ me peçais mais razaõ: Sou voſſo patricio, ſou deſde a meninice voſſo amigo, e naſci, como vós, cavalhero. Poſto que naõ nos carteemos, e a diſtancia por longo tempo me tenha ſeparado de vós, ſempre vos conſervo a meſma fiel amiſade; ſe bem que para me eſquecer della, baſtariaõ as razões do Inſtituto que abracaſtes, e as diabolicas emprezas em que vos metteſtes. Eu naõ ſey ſe incautamente entraſtes nellas, ou ſe vos levou aquella dura neceſſidade, em que ſe acha hoje todo o *Jeſuita*, eſpecialmente depois que foſtes admittido ao grande ſegredo, e do qual talvez *pars magna fuiſti*: o que ſey he, que ſou ainda o meſmo amigo que era, já por effeito daquella conſtancia, que todo o homem de bem deve guar-

dar;

dar em ſuas amiſades, já por effeito daquella preoccupaçaõ [que entendo naõ tenho] de que fallou o Poeta Tragico, quando diſſe: *Dediſcit animus ſerò, quod didicit diù.* Determinay vós lá qual deſtes motivos me mova; que eu o que unicamente pretendo de vós, he que vos capaciteis da ſinceridade com que vos fallo.

Se eu vos eſcreveſſe por outros fins diverſos daquelles, que me fazem pegar na penna, naõ vos teria dado tantos ſinaes, e indicios para me poderdes conhecer, ainda em figura de Anonymo, e podia fingir que por zelo, e amor ao voſſo Inſtituto tomava eſte trabalho; termos ſabidos, e uſados dos que ſe querem metter em cauſa alheia. Porém como tal fingimento naõ he louvavel, devo dizer-vos, que naõ ſinto em mim zelo, nem affecto à voſſa Companhia, porque ha dous ſeculos a eſta parte, que ella ſe tem dado bem a conhecer, para ſe naõ ignorar o que ella em ſi he. Salvo ſe vós me quizerdes admittir por ſinonymo de zelo, e amor a hum ardente, e [creyo que juſtiſſimo] deſejo que tenho de ver extincta a voſſa Companhia, ou pelo menos reformada em huma figura diver-

ſa

ſa do que foy, e preſiſte a ſer; porém lá no voſſo Vocabulario eſtou certo, que naõ ſe admitte eſta ſignificaçaõ. Nem eu tambem a quero admittir; antes, ſegundo a fraze dos voſſos Apologiſtas, vos direy, ſer verdade que aborreço a Companhia chamada de *Jeſus*; mas aborreço-a, porque para aſſim obrar, naõ ha ley que me naõ obrigue.

Aborreço-a como homem, daquelle meſmo modo, que dos Póvos confinantes eraõ aborrecidos os Caniballos, e Antropofagos, que o noſſo immortal Veſpucci achou em algumas Ilhas da ſua America; pois que o dictame da razaõ natural me inſpira a dever aborrecer hum Corpo, que taõ prejudicial he ao Genero humano, no qual eu tenho a minha parte. Aborreco-a como bom Cidadaõ, porque devo por ley fundamental de Eſtado naõ preſcindir dos aggravos, que recebe continuamente a ſociedade Civil, e a Patria, para cuja defenſa ainda me obriga mais o diſtinctivo do meu naſcimento. Aborreço-a como Chriſtaõ, do meſmo modo que hum Santo Athanaſio deteſtou os Arriannos, hum Santo Agoſtinho os Pelagianos, e Donatiſtas, e o noſſo S. Pedro Igneo os Simoniacos;

pois

pois que a ley de Jeſu Chriſto me manda fugir de falſos pretextos, e hypocritas, e abominar todas as ſeitas dos Hereges. Demais: o ſeu ſuaviſſimo preceito de caridade me obriga a moſtrar aos bons fieis, o quanto devem ſer abominados aquelles, que publica, ou particularmente vivem de modo, que lhes poſſaõ cauſar eſcandalo, no caſo que por outros meyos legitimos naõ ſejaõ reprehendidos.

Eu bem ſey, que iſto no Vocabulario da voſſa Companhia ſignificará *odio*; mas entre os juſtos eſtimadores das couſas terá o nome de *amor*, e compaixaõ à miſeravel Humanidade, taõ opprimida pelos voſſos ſubditos, e officio de bom Chriſtaõ, em quem o zelo do bem publico, e particular deve ſempre arder. Porém chamai-lhe lá, como quizerdes, com tanto que em alguma hora ocioſa mediteis ſeriamente no que determina exporvos o ſincero coraçaõ, com que deſejo o voſſo bem, e o da voſſa Companhia. Rogo-vos ſobre tudo, que fechado no voſſo cubiculo leais ſó eſta minha Carta, e della naõ deis noticia a algum dos voſſos Aſſiſtentes; ſó no caſo de naõ vos quererdes aproveitar della. Sem mais preambulo vamos ao ponto, e daime attençaõ.

He

He certo, meu Padre Reverendiſſimo, que a voſſa Companhia deſde que foy inſtituida (ha duzentos e trinta annos pouco mais ou menos) já mais ſoffreo taõ fortes ataques, como agora padece por modos infinitos, e por toda a claſſe de peſſoas. A cauſa eu naõ a ſey: póde ſer que ſeja, porque de dia em dia creſce a malicia no mundo, e já paſſou aquella idade, em que hum velho chapeiraõ de alguidar, huma roupeta coſida em linhas, hum aſpecto affectadamente ſevero, e humas contas groſſas ao cinto com propriedade de ſoalhas chamavaõ por barretadas da Nobreza, e genuflexões da plebe, e franqueavaõ aos voſſos Antigos as portas dos Palacios, dos Tribunaes, e dos Gabinetes. Póde ſer tambem que proceda, (e iſto ſerá o mais provavel) de que a hypocriſia, ſegundo o Oraculo eterno, naõ póde durar por muito tempo, pois que: *Nihil eſt opertum quod non revelabitur, & occultum, quod non ſcietur.* Ultimamente ſerá a cauſa o terſe neſtes ultimos tempos refinado a arte, e dobrado a força aos Janſeniſtas voſſos inimigos. Seja a razaõ qual for, porque loucura ſeria diſputarmos de cauſa, em cuja deciſaõ nunca concordariamos;

mos; o caſo he, que naõ tendes já aquella ſubtiliſſima Politica, que excedia a quantas até aqui ſe tem imaginado.

Em quanto eſgrimiſtes com Communidades de Frades, ou Clerigos; em quanto queſtionaſtes com Univerſidades, com Miſſionarios, e Theologos; e em quanto padeceſtes algum trabalho com huma, ou outra Corte particular, ſim vos cuſtou iſto muita lida; porém à força de induſtria, e de uniaõ de todo o voſſo poder para aquella parte, em que mais fortemente vos batiaõ, ſempre tiveſtes a fortuna de cantar a victoria; e poſto que eſta foſſe muitas vezes victoria de Pulchinella no theatro, vós tiveſtes artes para a fazer crer triunfo de Achilles no campo. Aſſim acabaraõ as queſtões dos voſſos primeiros Bollandiſtas com os Dominicos ſobre a nobreza do ſeu Santo Patriarca, com os Carmelitas ſobre a antiguidade da ſua Ordem, e com outras muitas Religiões ſobre pontos, em que ellas fundavaõ ſuas eſpeciaes glorias. Aſſim acabaraõ as queixas dos pobres Capuchinhos Miſſionarios no Malabar; aſſim as queſtões da Sorbona; aſſim as diſputas *de Auxiliis*, e aſſim

a tri-

a tribulaçaõ do vosso desterro de França, e de Veneza.

Huma aragem favoravel assoprando de algum dos outeiros de Roma, hum Papa de genio impaciente, huma Cartinha de pessoa authorisada vossa penitente, hum Memorial bem enfeitado com todas as flores da Eloquencia, e metido a tempo, huma discordia urdida de proposito entre duas Cortes, hum casamento armado entre dous Principes, humas lagrimas sacadas dos olhos de huma Beata falsa, e outros muitos instrumentos, que eu naõ sey, e que souberaõ ministrar à vossa refinada Politica as circunstancias dos tempos, e dos lugares, à custa da mais santa justiça, da mais evidente verdade, e da religiaõ, e paz dos Reinos inteiros; tudo isto junto (torno à dizer) teve forças para poderdes conseguir já hum Decreto Pontificio, que tolerasse os Ritos Idolatras, ou ao menos suspendesse por algum tempo as penas intimadas aos observantes, e promulgadores delles; já huma excomunhaõ *Latæ sententiæ* contra hum Fanatismo; já a suppressaõ de huma Bulla, que ou estava publicada, ou a ponto de publicarse; e já finalmente a benigna restituiçaõ na graça;

e ga-

e gabinete de algum Principe.

Porém, meu P. Reverendissimo, o mundo abrio finalmente os olhos para ver as artes das vossas tramoyas. O gosto da Critica, e das Metafysicas, os muitos methodos de bem discorrer, e formar clara idéa das cousas, o soccorro da Geometria, e Algebra, os principios do Direito publico, as observações praticas sobre os successos humanos, que (segundo a moderna educaçaõ da mocidade) se fazem, e quasi se metem pelos olhos às mesmas crianças; em fim o presente modo de estudar, facil, solido, claro, e accommodado até às mesmas mulheres, que antes viviaõ em forçada ignorancia, tudo isto tem tirado as cataratas ao mundo, e feito ver as cousas, como ellas na realidade saõ.

Aos dous funestos casos, que ultimamente succederaõ, hum na pessoa d'ElRey de França, no qual ficou muy suspeitosa a vossa Companhia, e outro na pessoa d'ElRey de Portugal, em que certamente estaes convencidos de cumplices, devem todos a fortuna de conhecerem, e penetrarem o fundo à qualidade do vosso governo, que antes sim conheciaõ alguns, mas eraõ poucos, e em

Italia

Italia rariſſimos. Vendo os homens de habilidade o univerſal dezejo, que havia de ſaber o myſterioſo procedimento da voſſa Religiaõ, e que era neceſſaria eſta peſquiſa, viraõ-ſe obrigados a tomar eſta empreza, para impedirem os damnos capitaes, que a voſſa Companhia por toda a parte cauſava à Igreja, aos Eſtados Seculares, e aos intereſſes temporaes do particular, e do publico. Por eſte motivo he que ſe tem publicado livros já quaſi infinitos, que demoſtraõ o que foy, e he preſentemente eſſa Religiaõ, de que ſois cabeça. E porque o mundo, huma vez abertos os olhos para dar entrada às luzes da razaõ, naõ ſe ſatisfaz ſó de palavras, e de meros raciocinios, em queſtões, que dependem de factos, entrou-ſe a revolver o ſegredo dos Archivos, e a tirar o pó a papeis precioſos, que eſtavaõ condemnados a mantimento da traça. Com effeito acharaõ-ſe algumas Memorias authenticas, e conducentes ao fim pretendido, as quaes já tem viſto a luz publica, e nellas (para que nada vos encubra) tenho eu tambem minha parte, e continuarey a ter, quanto puderem as minhas fracas forças, por ſer huma obra taõ ſanta, taõ util, e para Deos taõ glorioſa.

Nem

Nem vos pareça, que o trabalho acabou aqui: ainda ſe eſcreve mais, e eſtay certo, de que de dia, e noite ſe applicaõ a eſta empreza excellentes pennas, que dizem naõ ceſſaráõ, até naõ conſeguirem o intento. Iſto vos poſſo eu ſegurar debaixo da minha palavra de honra, que neſte ponto ſerá mais verdadeira, que a do voſſo Marquez *Angelo Gabrielli* de Roma. Nem imagineis, que quem aſſim eſcreve (geralmente fallando) o faz por vil intereſſe de lucro, ou que ſejaõ artificioſas idéas da ambiçaõ de quem imprime: ſe bem que os Senhores Impreſſores bem podiaõ naõ ſe valer tanto em ſeu proveito deſtes Eſcritos clandeſtinos, fazendo torcedor à curioſidade do publico. Mas por huma parte eu deſculpo-os, porque em fim ſaõ negociantes afferrados ao intereſſe, em que unicamente poem a mira, e tem o bom exemplo do voſſo *Gino Bottagrifi* de Foſſombrone, que por tres, ou quatro folhas de papel pardo, e ſujo com humas poucas de letras do tamanho das de canto chaõ, pede, quando nada, tres libras Venezianas na primeira maõ, quero dizer, na do honrado homem *Antonio Zatta*, principal vendedor, o qual tal vez ganhaſtes por voſſo eſpecial de-

voto

voto com a nova Collecçaõ dos Concilios de Labbé.

Naõ, Reverendiſſimo, a publicaçaõ de taes Obras naõ he artificio venal dos ſeus Authores, nem da mayor parte dos que as imprimem: he ſó hum commum empenho, que tem os homens judicioſos, de verem ou morta, ou abatida, ou transfigurada em humildáde aquella monſtruoſa ſoberba, que na voſſa Religiaõ tanto levanta a cabeça. A eſte fim, he que todos os livros Francezes, Allemães, Heſpanhoes, Portuguezes, Latinos, e até Malabaricos, e Indianos, que por algum modo dizem reſpeito a vós outros, ſe traduzem em o noſſo Idioma, humas vezes com o meſmo titulo do Original, e outras com diverſo frontiſpicio, por fins que tem raiz ou no temor, ou na liſonja à Companhia. Todas as Nações referidas nos pagaõ o obſequio na meſma moeda, traduzindo igualmente os noſſos livros, que trataõ de taõ util materia.

E de que ſerve (dirá V. Reverendiſſima) eſta ſarna de livros? Dirvos-hey. Serve de tirar a maſcara à voſſa Companhia; de manifeſtar a ſua corrupçaõ, e damnavel Politica; de deſcobrir os ſeus artificios, dolos, hypocriſias, e manchas;

chas; de demoſtrar a ſua perverſa doutrina nos Dogmas, e nos coſtumes; de fazer ver a ſua perniciosa pratica nos Confeſſionarios, nos Exercicios eſpirituaes, e na direcçaõ das almas, que incautamente ſe lhe entregaõ; de moſtrar a ſua ambiçaõ, avareza, temeridade, e poder violento; em ſumma ſerve de fazer publicas as ſuas mais deteſtaveis ignominias, que tanto afeaõ a bella imagem do ſeu ſanto Inſtituto. Ainda temos mais: eſta turba de engenhos zeloſos tendo lido em S. Gregorio Papa (*lib. 9. mor: & Epiſt. ad Serenum*) que as imagens ſaõ para os ignorantes o meſmo que ſaõ os livros para os doutos, deraõ em inventar, e vaõ actualmente inventando varias *Eſtampas*, nas quaes debaixo de diverſos jeroglificos ſe exprimem ao vivo os vicios da voſſa Companhia, e os ſeus principaes vicioſos, demoſtrando os damnos que huns, e outros cauſaõ à Igreja, ao Chriſtianiſmo, à ſociedade civil, e à ſoberania dos Principes. Em ſumma quaſi tudo o que as pennas relataõ, temos muito bem debuxado ao buril, naõ ſabendo qual he o que tem feito melhor Miſſaõ. Eu o que poſſo dizer a favor das *Eſtampas* he, que tem ſido recebidas com

taõ

taõ univerſal applauſo, e que ſaõ dezejadas com tanto appetite, que alguma ſe tem vendido a dous, e a tres zequins.

Deſtes livros, e Eſtampas ſaõ infinitas as copias, que ſe multiplicaõ pela Europa, porque os Impreſſores já naõ eſtaõ taõ timidos, e eſcrupuloſos, como os do ſeculo paſſado. Enchem-ſe deſtas obras todas as livrarias particulares, e publicas, de modo tal, que ſe pudeſſe examinallas todas, naõ ſe admiraria hum dos voſſos pobres Eſcritores *Bottagriſianos*, de que em qualquer livraria de Italia tiveſſe mais de quinhentas obras eſpeciaes contra a Companhia. Deſtes livros ſe fazem preſentes a todos os Letrados, e Miniſtros principaes das Cortes: vem-ſe em todas as mãos, até nas das mulheres: e que mal ſe ſegue daqui, ſe de propoſito foraõ feitos para allumiarem o mundo, eſpecialmente aquellas peſſoas, que por huma ſimpatia nativa eſtaõ mais ſujeitas a ſerem enganadas pelos voſſos ſubditos? Os amigos mutuamente os empreſtaõ, e todos lhe achaõ delicadiſſimo ſabor. Só vós [he deſgraça!] ſó vós, P. Reverendiſſimo, por conta da dura eſcravidaõ a que vos condemna o lugar que exerceis, he que eſtais tal vez em jejum, ao menos

da mayor parte deſtes livros; porque he antigo cuidado dos Aſſiſtentes fazer com que naõ chegue à noticia do Geral couſa, que o poſſa apartar do affecto ao primitivo ſyſtema de Governo, e ſó lhe deixaõ pôr os olhos no que póde conduzir para mais o radicar nas Maximas *Jeſuiticas*. Deſta deſgraça eſtou certo, que naõ eſcaparia eſta minha Carta, ſe eu naõ tiveſſe muito bem cuidado no modo de vos hir certamente à maõ. Tomara eu poder fazer o meſmo com os outros muitos livros de que vos faço mençaõ, ainda que foſſe a grande cuſto da minha bolſa; porque tinha eſperança, de que elles fariaõ renaſcer no voſſo coraçaõ aquellas maximas proprias a aborrecer huma Communidade taõ perniciosa ao bem publico. Para aſſim o eſperar, me lembro naõ ſó do voſſo dobrado caracter de Chriſtaõ, e de Sacerdote, mas do voſſo naſcimento, e até da voſſa meſma conveniencia, conduzindo muito os ditos livros, para executardes no tempo do voſſo Generalado o efficaz remedio, que logo vou a proporvos.

Porém ſe ha quem aparte de vós eſtes uteis inſtrumentos da Refórma *Jeſuitica*, outros ha, que bem vos mete pelos olhos huma fatal experiencia. Vós

naõ

naõ podeis negar, que eſtais plenamente informado dos notabiliſſimos damnos, que neſtes ultimos tempos tem padecido, e vay padecendo a voſſa Companhia, ameaçando a tempeſtade rayos mais eſtrondoſos, e funeſtos: e eſtes ſaõ juſtamente aquelles bons effeitos, que eu vos dizia naſciaõ da univerſal liçaõ deſtes livros. Lem por elles os Principes, e por iſſo experimentais, que aprendem a eſtarem ſempre com os olhos ſobre vós, a deſconfiarem das voſſas idéas, e a apartarvos das ſuas Cortes, Eſtados, e Dominios; porque experimentaõ que vós, abuzando do beneficio da diſtancia, os quereis expulſar delles, e metellos na voſſa Monarquia, como bem provaõ os factos modernos. Lem por eſtes livros os Miniſtros de Eſtado, e aprendem a ſe acautellarem de vós; e tem por huma preciſa obrigaçaõ do ſeu Miniſterio, e da ſua fidelidade inſpirar aos ſeus Soberanos, e aos póvos o quanto ſois perniciosos ao ſocego, e harmonia dos Eſtados. Lem por elles os Biſpos, e Prelados da Santa Igreja; e ſe naõ ſaõ daquelles, que ſe deixaraõ vender às voſſas penſões, ou cativar das voſſas officioſas adulações, aprendem por indiſpenſavel encargo do

ſeu tremendo Miniſterio a tirarvos todos os officios que exercitaveis, pertencentes à direcçaõ, e paſto do rebanho, que o Senhor lhes entregara.

Lem por elles todos os Religioſos das outras Ordens, que a voſſa Companhia tanto tem vilipendiado, e opprimido, e admiraõ nos ditos livros a vingativa juſtiça de Deos, que com publicos ludibrios, e pezadas ignominias aſſim caſtiga a ſoberba, e orgulho, com que os maltrataveis. Lem tambem os ricos, e aprendem a naõ vos darem forças para creſcerdes em inſolencia, que os póvos ſentem, e os meſmos Monarcas temem. Lem os nobres, e ao menos aprendem a ſe envergonharem de vos fazer roda, e ſequito, temendo as occultas armadilhas da voſſa doloſa converſaçaõ. Lem as Damas; e poſto que taes livros ſejaõ para ellas humas vezes liçaõ ſeria, e outras materia de paſſatempo, com tudo muitas ſempre aprendem a aborrecervos. Lem os pays de familias, e perſuadem ſe daquella obrigaçaõ, que antes ignoravaõ, de tirarem ſeus filhos da voſſa educaçaõ. Lem os doutos, e armados de hum juſto zelo, empregaõ a voz, e a penna, para que ſe augmente, e radique

nos

nos bons a indignaçaõ contra os voſſos procedimentos. Lem os ignorantes, e aprendem a conhecervos, e a motejarvos. Lem os pobres, e clamaõ vingança do ſangue que lhes chupaſtes das veias com a voſſa inſaciavel ambiçaõ. Lem os negociantes, e concebem contra vós hum immortal odio pelo commercio, que lhes uſurpaſtes. Lê a plebe, e eſpantada dos voſſos exceſſos, moſtra-vos com o dedo, e dá-vos publicas apupadas, como ſuccedeo (ſegundo me eſcreveraõ) ultimamente em Genova, por tomarem os voſſos até o nobre officio de Cortadores. Lem as Religioſas, e rogaõ aos Biſpos, que naõ lhes mandem mais *Jeſuitas*, ou por Aliviadores, ou Exercitantes, ou Prégadores, como fez a prudente Abbadeſſa de S.... S.... Moſteiro nas viſinhanças da noſſa Florença, que com animo varonil vos expulſou para ſempre do ſeu Convento. Até às eſcondidas os lem os voſſos penitentes, e devotos; e os que cuidaõ ſeriamente no importante negocio da ſua ſalvaçaõ, vaõ-ſe retirando pouco a pouco, e com geito, dos voſſos Confeſſionarios. Aquelles porém, que ſó por mero habito frequentaõ os Sacramentos, e neceſſitaõ da diabolica condeſcendencia do voſſo Moral,

ral, para viverem à ſua vontade, e ſerem penitentes ſem converſaõ, eſſes, além de ſe rirem occultamente de vós, aprendem ao menos a naõ fiarem de vós no acto da Confiſſaõ os intimos ſegredos da ſua conſciencia, e muito menos os da ſua caza.

Quem mais lê eſtes livros? Quem? até os voſſos meſmos penſionarios. Pois que cuidais? que elles naõ vem, naõ ouvem, e naõ diſtinguem as couſas? Se vos daõ a entender o contrario (ao menos a mayor parte) he porque ſe deixaõ cegar das luzes do ouro. Mas quem ſabe, ſe chegará ainda hum dia, e virá huma mudança de vento, diverſo do que agora por mera gratidaõ vos corre favoravel, em que os voſſos valedores mudem de papel na preſente ſcena, e ſe valhaõ do alto ſegredo, que vós lhe confiaſtes, para fazer cahir a balança da Companhia para aquella parte, em que he inevitavel o voſſo fatal precipicio. Ah que ainda póde ſer, que eſpecialmente os noſſos Florentinos queiraõ reſtituir em parte à ſua Patria a honra, que affrontoſamente lhe roubaraõ com a ſua venal protecçaõ.

Ora que mais quereis? Para todos lerem os livros de que fallo, até alguns

poucos

poucos *Jesuitas* allumiados tem delles liçaõ; e eu tive o gosto de os mandar a alguns em todo o segredo, e por final que saõ daquelles que tem lá entre vós bons assentos, e justamente pela probidade com que vivem. Confrontaõ estes os factos publicados com a pratica da Companhia, e dizem ao ouvido de algum amigo, que ainda he muito mais o que está por publicar. Choraõ os miseraveis a sua desgraça em serem parte de hum corpo taõ corrupto; e alguns teriaõ despido a roupeta, se prudentemente naõ temessem ser objecto de huma tyranna perseguiçaõ da Companhia. Outros ha, que abrazados em santo zelo, de boa vontade cooperariaõ da sua parte para a emenda de tantos escandalos, se os infaustos exemplos dos Belchiores Inchofer, dos Joaens de Marianna, dos Tyrsos Gonzales, e de outros semelhantes Varões, naõ lhes mostrassem, que a empreza seria inutil, certo o perigo proprio, e impossivel a emenda alheia.

Eisaqui tendes o como todo o mundo he contra vós outros, ao menos lá no fundo do seu coraçaõ. Eisaqui como ninguem tira de vós os olhos, huns para se livrarem de vós, outros para vos confronta-

frontarem com o que de vós tem lido. Eisaqui o como já estaõ patentes até à infima plebe os iniquos mysterios da vossa Politica, os erros especulativos, e praticos das vossas Aulas, e os excessos horrorosos a que vos arrastrou o Machiavelismo do vosso Governo. Em fim estais já taõ conhecidos, como se fosseis apregoados em praça; e de meyo mundo, que cego vos seguia, já naõ contais senaõ huns poucos de ignorantes enganados, e vilmente vendidos, que todos apontaõ com o dedo, e que vos fazem mais discredito, que honra, por serem a fabula, e o divertimento dos seus mesmos patricios em toda a classe de conversaçaõ.

Posto que estes se vejaõ elevados a dignidades, e cargos eminentes, naõ me direis que esperais delles? Por ventura naõ tendes já experimentado, que só servem de agravar mais a vossa mortal ferida, pondo em peyor estado huma causa já per si mesma bastantemente perdida? Quando naõ fosse por outros motivos, a exceiçaõ legal que elles tem, ou de vossos apaixonados, ou de vossos pensionarios, precisamente ha de fazer naõ só inutil, mas ridiculo todo o seu empenho

em voſſa defenſa. Vós bem ſabereis, que já nas Cortes da Europa foraõ rejeitados Memoriaes os mais artificioſos, e fortes, ſó por hirem aſſinados com os nomes dos voſſos valedores: e notay aqui de paſſagem o conceito, em que a noſſa illuſtre Patria.... mas vamos adiante, que aſſás me envergonho, como bom filho, do ſeu opprobrio, e deshonra. O caſo he, que naõ me podeis negar, que por toda a parte vos vedes acoſſados, que naõ tendes para onde vos volteis, e que naõ podeis ſubſiſtir fiados em voſſas antigas forças. Naõ me direis? de que vos ſerve combater com a penna, ſe bem à voſſa cuſta experimentais, que ſó val a fazerdes mais manifeſta a voſſa ignominia, a levardes rizadas de todo o mundo, e encherdes cada vez mais as livrarias de obras contra as voſſas Apologias? Alem de que, lembraivos, de que já naõ eſtamos naquelles tempos, em que baſtava dizer *Reſpondeo-ſe*: agora examinaõ-ſe muito bem as propoſtas, e as reſpoſtas, confrontaõ-ſe humas, e outras com as provas originaes; e os que naõ podem fazer iſto, ſupprem eſta falta, valendo-ſe daquelles livros, em que já vem publicos eſtes originaes, e vergonhoſiſſimos documentos.

Re-

Recorrerdes às artes das voſſas artificioſas cabalas tambem he erro, porque hoje em dia ninguem ha que naõ as conheça à legoa, e o povo neſta parte he mais lince, que muitas peſſoas de authoridade, e doutrina. Neſte ponto mais depreſſa ſe teraõ por ſimplicidades as venidas dos rabolas mais eſpertos, e velhacos, do que huma verdadeira ſimplicidade, e candida liſura de qualquer *Jeſuita*. Eſperardes na força, e poder, iſſo he rematada loucura; porque além de ſer hum ridiculo fanatiſmo, como bem o prova o erudito Eſcritor da *terceira Carta à Dama duvidoſa*, *&c.*, he muy incerta huma tal eſperança, para com ella arrotar valentias. Vós naõ vedes quanto ſua ElRey de Pruſſia para ſe defender de dous, ou tres exercitos, tendo aliàs tropas diſciplinadas por elle meſmo, a quem ſem injuſtiça naõ ſe póde negar o nome de General famoſo? E com tudo bem ſabeis os apertos, em que ſe vio neſta ultima campanha.

Eu a fallar verdade ſempre fiz conceito, de que os *Jeſuitas* entre outras virtudes religioſas ſaõ inſignes na da Arte Militar; e para fazer delles eſte juſto juizo, tenho illuſtres exemplos antigos, e mo-

e modernos, com que elles na India, e na America aſſombraraõ ao mundo. Mas huma guerra na Aſia, e na America naõ he o meſmo que na Europa; e ſe lá os Capitães, e Generaes *Jeſuitas* tem no numero das ſuas tropas a vantagem de cem contra hum, cá a differença tambem he de cem contra hum, mas em diverſo ſentido. Eu me explico. No caſo que vós quizeſſeis declarar guerra cá na Europa, he certo, que logo todos os Principes por cauſa commua ſe armariaõ contra vós, e talvez que nem o meſmo Papa viſſe com bons olhos huma tal deſordem, e ſe portaſſe indifferente, temendo que os exercitos Ignacianos lhe derrubaſſem da cabeça a Tiara. He certo tambem, que os povos já deſgoſtoſos, e eſcandalizados de vós, mais facilmente, (e muitos ſeriaõ os voluntarios) ſe haviaõ de aliſtar debaixo das bandeiras dos ſeus Principes, que das voſſas, e póde ſer que até ſe fizeſſe huma boa recluta dos voſſos meſmos Profeſſos.

Por onde todo o exercito ſe comporia de unicos *Jeſuitas* capazes de manejar as armas, e de alguns Devotos comprados a pezo de ouro. Accreſcentay a iſto, que a mayor parte dos voſſos naõ ſaõ,

co-

como os Franciſcanos, coſtumados a toda a caſta de trabalho, mas ſim molles, afeminados, e dados a huma vida delicada, e ſedentaria: por onde tirados os velhos, os eſtropeados, os melindroſos, e os deſcontentes, ficarvoshia muy pouca gente, confrontada com a Europa em armas contra o exercito Ignaciano. Naõ fallo dos theſouros, que ſeriaõ preciſos para manter huma guerra taõ difficultoſa; porque ha quem julgue, que os tendes de ſobejo, para a ſuſtentar, ainda que duraſſe por mais tempo, do que dura a preſente, que tanto cuſta às Potencias belligerantes. Logo bem ſe vê, que he huma louca fantaſia, e huma verdadeira fantaſma eſperardes poder conſeguir a voſſa ſubſiſtencia pelos meſmos meyos, de que uſaõ os Monarcas Seculares: e aſſim ſe eſta idéa vos veyo à cabeça, ou vo-la inſpiraraõ os voſſos ſubditos, e apaniguados, naõ lhes deis credito, que quanto vos dizem, ſaõ projectos formoſos, para vos adularem, e diminuirem as vivas dores, que vos traſpaſſaõ a alma, e deſanimaõ a conſtancia.

Só vos reſta huma eſperança, e remedio, o qual daõ a entender certas

pro-

profecias que correm, e feitas, ſegundo dizem, pelos voſſos Santos Padres deſte terceiro ſeculo da Companhia. Vem a ſer, que tirando-vos em fim a maſcara, e manifeſtando-vos ao mundo pelo que na realidade ſois, fizeſtes huma liga com os Inglezes, e outros Proteſtantes, e tentaſtes por eſte modo eſtabelecer aquella Monarquia univerſal, que alguns, (e até dos voſſos) eſcreveraõ ſer o alvo, e mira principal da voſſa ſanta, e *benemerita* Companhia. Eu naõ affirmo iſto como certo, creyo ſim, que tem mais de veriſemelhança, que de fanatica ſuſpeita, fundando-me em alguns caſinhos antigos, que vós naõ ignorais. Eſtes ſim ſuccederaõ na China, no Malabar, no Mexico, e em outras terras das Indias; mas a pezar de taõ longa diſtancia, delles ſomos aſſaz certificados por diverſos Authores, quaes ſaõ o Norberto, o Viani, e os Collectores do que padecera, e obrara na ſua celebre Legacia o Cardeal de Tournon. Porém temos ainda mais authorizadas teſtemunhas; temos ao Veneravel Biſpo D. Joaõ de Palafox, nas ſuas duas Cartas a Innocencio X.; temos ao Biſpo D. Bernardino de Cardenas, ao Padre Carlos

Ho-

Horatii de Caſtorano, e até o Padre de la Croce, e infinitos outros Eſcritores das voſſas meſmas Miſsões. Mas eu naõ quero em huma Carta fazer papel de Hiſtoriador: deixando couſas antigas, eu ſey muito, Padre Reverendiſſimo, que vós por propria experiencia ſabeis naõ ſer couſa nova no Governo Jeſuitico o recorrer ao ſoccorro de Tribunaes Gentilicos, e Hereticos, quando faz conta ás ſuas idéas. Lembraivos da protecçaõ, ou mediaçaõ, que tentaſtes o anno paſſado em Inglaterra, e naõ vos eſqueça tambem o que tendes obrado neſte anno em os Tribunaes Eſguizaros de Frisburgo, e Berne, a fim de que elles prohibiſſem naõ ſey que Gazetas, ou Papeis impreſſos nas Officinas de Lugano, pertencentes aos ſucceſſos da Companhia no anno paſſado de 1760. Naõ digo mais, porque a bons entendedores poucas palavras baſtaõ; e direy ſó de paſſagem a extravagante reflexaõ, que fez hum Amigo meu, ao communicarme como *certas*, *e authenticas* as duas ſobreditas noticias. Rematava elle, que vós outros *taõ benemeritos da Santa Igreja* achaſtes finalmente o ſegredo de ter aos meſmos Hereges por voſſos devotos, e entre elles

les aos que formaõ o corpo dos Tribunaes.

Por onde bem ſe vê, que naõ ſerá paradoxo dizerſe, que no ſyſtema Jeſuitico para poder ſubſiſtir a Companhia, vos veyo à cabeça a eſtranha idéa de fazer liga com os Hereges, como já fizeraõ os Guizos no decimo ſexto Seculo contra Henrique III. de França, em que os voſſos naõ eſtiveraõ ocioſos. Por eſte modo achareis hum bom arrimo para naõ cahirdes, viſto naõ vos darem a maõ os Principes Catholicos. Pelo menos tenho por muito provavel, que quando vos naõ occorreſſe tal venida, ſempre eſta loucura viria ao ſentido deſſes que vos naõ largaõ: Chamo-lhe *loucura*, no caſo que quem a ideaſſe, a tiveſſe por factivel, e util aos intentos da Companhia.

A eſte reſpeito querem alguns (nem eu vou fóra do meſmo) que para bem do Chriſtianiſmo ſeria menos mal eſta manifeſta declaraçaõ do Corpo *Jeſuitico* a favor das Religiões Proteſtantes, do que o inexplicavel damno, que elle preſentemente cauſa à Igreja com a maſcara de Communidade religioſa. E a razaõ he de hum grande S. Padre, dizendo, que

mayor

mayor damno causa às silladas de hum perseguidor occulto, que as feridas de hum inimigo manifesto. E quem póde negar, que os Jesuitas todos (tirando hum, ou outro particular) formando hum Corpo chamado religioso, e oppondo-se, como se oppoem, ao socego da Christandade, e dos Estados, causaõ muito mayor damno ao mundo, do que lhe causaraõ aos Hereges occultos, ou dizendo melhor, *Indifferentes*, e *Religionarios*?

Porém deixando de parte a utilidade, ou prejuizo, que teria a Igreja universal, no caso supposto de fazer liga com os Hereges, torno ao meu ponto, e digo, que em taes circunstancias naõ só naõ vos seria util, mas que vos havia de faltar, quando menos o cuidasseis, esse imaginado soccorro. Que vos havia de faltar, tenho-o por certo; porque assaz he constante o antigo, e especial odio, que tem os Inglezes à vossa Companhia, e vós bem sabeis *o porque*. Elles posto que discordem de nós em alguns Dogmas, conservaõ com tudo o mesmo Decalogo, tem a mesma ley natural, e estudaõ em ter huma certa honestidade filosofica, que póde envergo-

nhar

nhar a muitos Catholicos. Demais, elles amaõ muito a ſociedade humama, a paz, e tranquilidade dos Eſtados, e ſaõ ſummamente zeloſos dos direitos do ſeu Principe.

Ora fallando ſem paixaõ, parece-vos poſſivel, que elles hajaõ de conſentir em huma liga com a voſſa Companhia à qual muitas vezes tem elles lançado em roſtro, que cria filhos, os quaes com ſeus eſcritos fomentaõ, e defendem por muitos modos a Idolatria, a Superſtiçaõ, e até o Atheiſmo? Que fazem licita a blasfemia contra Deos, os perjurios, e os ſacrilegios? Que deſterraõ do coraçaõ dos homens o ſuaviſſimo pezo de amar ao ſeu Creador ſobre todas as couſas? Que naõ ſó deſculpaõ, mas enſinaõ o modo de commetter (ſem ſobrevir caſtigo) cenſuras, furtos, adulterios, irreverencias, crueldades (até contra os proprios Pays) odios, calumnias, e vinganças contra o proximo? Que daõ por licitas as mentiras mais claras, e as reſtricções mentaes até no contratar, e confirmar os actos mais ſolemnes? Que defendem as impudicicias mais torpes, que poſſaõ vir à cabeça de hum homem perdidiſſimo nos deleites da carne?

Parece-vos que haõ de fazer liga com huns homens já taõ conhecidos por perturbadores da paz publica, taõ tumultuosos pela defensa das suas conveniencias, e taõ invejosos dos bens alheyos, como bem o mostra a mesma Historia da vossa Companhia? Que queiraõ ser alliados de huma Gente taõ fatal à preciosa vida dos Principes, e que naõ só defende ser licito ao particular conspirar contra o seu legitimo Soberano, mas que ella mesma, mascarando-se com o véo da mais severa piedade, arma a maõ aos assassinos, exhorta-os, e excita-os ao sacrilego attentado, promettendo-lhes em lugar de eterno supplicio as gloriosas coroas, e palmas devidas no Ceo ao legitimo martyrio? Ora creya quem quizer, que he factivel huma tal alliança por parte dos modernos Protestantes; que eu só a crerey, quando ouvir, que em Inglaterra, em Hollanda, em Genevra, e outros semelhantes Paizes em lugar de homens nascem brutos. Muitas, e muitas leys ha de desprezar hum Inglez, hum Hollandez, &c. muita violencia haõ de fazer à humanidade, muito esquecimento haõ de ter das obrigações de hum verdadeiro Cidadaõ, para

ra consentirem em huma liga taõ desigual, e contraria à sua educaçaõ.

Mas façamos como os Geometras; concedamos embora factivel esta alliança à força das vossas maquinas poderosas. E que utilidade se vos segue? Eu tenho para mim, que este soccorro vos seria mais inutil, que qualquer outro. Porque huma de duas, ou vós por este meyo pretenderieis levantar Throno, e fundar aquella Monarquia universal, a que no antigo conceito de muitos aspira a vossa ambiçaõ; ou talvez vos contentais de vos fazer tributarios, e subditos dos Protestantes. Se pretendeis reinar, cahis em hum absurdo, do qual impossivel he o sahirdes bem; porque nem os outros Principes da Europa soffreriaõ ter paz com esta nova Monarquia, nem os mesmos Protestantes vos favoreceriaõ, prevendo que viria tempo, em que seriaõ vossos escravos, ou ao menos vassallos. Mas se o que unicamente pretendeis he ser seus subditos, quem naõ dirá, que peyorastes de condiçaõ?

He certo, que os principaes Artigos desta liga, e uniaõ seriaõ: Primeiro, que cada hum de vós viviria, naõ em corpo unido, mas cada hum separado

em ſua caſa : e ahi tinhamos desfeita a Companhia. Segundo : que nenhum de vós reconheceria outro ſuperior, a quem obedeceſſe , ſenaõ aquelle Soberáno dos Eſtados , a que foſſeis agregados, vivendo conforme as leys do Paiz : e ahi ſe perdia toda a ſuperioridade , e mando , desfazendo-ſe com eſta perda as voſſas ambicioſas maquinas. Terceiro : que os bens da Companhia ſe repartiſſem *pro rata* por cada hum dos *Ex-Jeſuitas* , para ſua honeſtá ſuſtentaçaõ , e que eſte tiveſſe do fundo aſſinalado dominio directo , mas que na falta de herdeiros naturaes foſſem os ditos bens para o Fiſco , ao qual ſe incorporaria tambem os ſobejos das rendas, feita a diſtribuiçaõ : e eiſaqui que ficaveis impoſſibilitados para vos fazerdes poderoſos. Quarto : que nenhum dos novos agregados podeſſe gozar das honras concedidas aos legitimos Cidadáos das reſpectivas Cidades , ou Republicas , ſenaõ depois de certo numero de annos , ou gerações , em que fazendo ſerviços dignos de hum bom Cidadaõ, vieſſe a merecer eſta diſtincta honra : e eiſahi vos quebravaõ as forças para ſerdes ambicioſos , e ſoberbos.

Eſtas , e outras ſemelhantes ſeriaõ

as condições, ſobre as quaes firmariaõ os Proteſtantes o ſeu Tratado com o Corpo da voſſa Companhia; mas dellas bem vedes, que em vez de fortificar, ou eſtabelecer a voſſa Monarquia, virſe-hia a arruinar pelos meſmos meyos, com que lhe procuraveis huma eterna duraçaõ. Eſſa Companhia chamada de *Jeſus*, que agora ſubſiſte, para logo ſe desfazia de modo, que nem della ficaria veſtigio; antes vós outros, em vez de dominar o Univerſo (como dizem que tanto appeteceis) ſerieis huns miſeraveis, diſperſos, ſem fazerdes vulto no mundo. Veriaõ entaõ completos os ſeus ardentes deſejos os voſſos adverſarios, de cujo numero me naõ quero excluir, vendo-vos deſtruidos, e aniquilados. Os fanaticos ſaltariaõ de contentes, preſenciando o prompto effeito de ſuas vãs idéas na já imminente ruina da Companhia.

E para que vós, Padre Reverendiſſimo, vejais, que iſto em mim naõ he querer mettervos medos, além do alluviaõ de livros, que quotidianamente ſahem contra vós, e que todos martellaõ neſte prégo, lede eſte Soneto, que anda hoje pelas mãos de todos, feito por hum grande Poeta, e Letrado da Lombardia,

bardia, o qual vos transcrevo do mesmo modo que elle mo mandou.

SOBRE O ESTADO da universal decadencia, em que presentemente se acha a Companhia.

SONETO.

F*U il colpo in Portogal d'* Apoplessia,
Che senza minacciar piombò di fatto;
In Spagna è una Postema *interna, e ria,*
Che il Polmon tutto quasi ha putrifatto.
In Francia ell' è una Febbre, *che s' avvia*
In maligno a cangiar poi tutto a un tratto:
Un Canchero *è in Germania, che via via*
Cheto rode la carne, e di soppiatto.
Mortali infirmità son tutte queste,
Che sia robusto ei pur vegeto, e grasso,
Al corpo Ignazian son troppo infeste:
Ond' è per lui vicin l' ultimo passo:
Voglia Iddio, che vediam una tal Peste
A giorni nostri andar a Sanatasso.

Vos bem vereis que estas minhas reflexões, além de serem per si mesmas muito naturaes, tem igualmente a seu favor

guns exemplos na geral Hiſtoria Eccleſiaſtica de Moſteiros inteiros de numeroſos Monjes, os quaes por fazerem com os Hereges huma ſemelhante alliança, ſe viraõ conſtrangidos a ficar ſeus ſubditos, perdendo com os bens temporaes tudo o que tinhaõ de particular na ſua fórma de viver. Quem pede merce, e ſoccorro, ainda que fique vencedor, naõ ha de pretender enthronizarſe, e dominar entre aquelles, que lhes empreſtaraõ as ſuas forças, ſenaõ com uſura, ao menos naõ com animo de perderem o capital. Mas deixemos já eſte ponto, como couſa das impraticaveis, por naõ dizer impoſſiveis.

Ora, Padre Reverendiſſimo, que ha de ſer de vós, e da voſſa Companhia, ſendo todos o objecto da geral indignaçaõ? Continuar no meſmo ſyſtema de governo, e no meſmo teor de vida aſſim no commum, como no particular? Iſſo ſeria querer de veras, e em todos os modos a voſſa deſtruiçaõ. Ou ſeja juſta, ou injuſtamente, o certo he, que tendes por inimiga a mayor parte do mundo, e eſſa a mais poderoſa, e a mais douta; antes a fallar toda a verdade, ſaõ pouquiſſimos, e (ſegundo o voſſo

Vo-

Vocabulario) ainda mais que pouquissimos, os que vos professaõ sincera amizade. Ha já hum seculo que todos clamaõ : *Ou refórma*, *ou extinçaõ* ; e deste modo como podeis estar seguro, de que hum dia naõ cheguem ao Ceo os clamores de tanta gente ?

Lembraivos do que succedeo aos *Templarios*, dos quaes he a vossa Companhia em tudo hum fiel retrato. Lembraivos do fim que tiveraõ os *Humiliatos*, que sendo menos culpados do que vós outros, e menos aborrecidos do publico, acabaraõ, quando menos o temiaõ. Clamava-se tambem contra estas, e outras Ordens Religiosas : *Ou refórma*, *ou extinçaõ* ; mas porque se fizeraõ surdas, e se obstinaraõ nas irregularidades da sua vida, foraõ inopinadamente desmembradas, e destruidas. Ora será cousa impossivel, que à Companhia venha a succeder o mesmo ? O figuralla na imaginaçaõ será effeito de fanatismo ? Por ventura cessou já aquella continuaçaõ de causas destruidoras da vossa Religiaõ, de que faz memoria por boca do seu *Anti-Jesuita Historico* o Author da *Carta à Dama Duvidosa* ?

Ah que o sangue de tantos Princi-

pes,

pes, naõ ſe vendo vingado, ainda clâma contra a voſſa ſubſiſtencia. A honra do Vaticano, do qual por tantas vezes tendes zombado com as voſſas multiplicadas deſobediencias, eſtá pedindo, que a reſtituaõ ao ſeu decóro devido. O eſcandalo de tantos Póvos eſtá clamando pela neceſſidade de huma juſta ſatisfaçaõ. Ora pergunto: e o ſangue dos Principes, a honra do Vaticano, e o eſcandalo dos Póvos póde-ſe vingar, ficando a Companhia do meſmo modo que eſtá ao preſente? He certo que naõ: por iſſo tudo conſpira para a voſſa aniquilaçaõ, e verá o effeito de ſeus deſejos, ſe vós, Padre Reverendiſſimo, naõ oppozerdes ao impeto da corrente, que ha de ſubmergirvos, hum fórte, e ſeguro reparo. Todos os remedios, de que até aqui uſaraõ os voſſos Anteceſſores, bem vedes o quanto ſaõ inuteis em hum ſeculo taõ aclarado. He preciſo pois cuidar em outras meyos, que ſejaõ mais efficazes.

Ora attendey ao conſelho, que vos dá hum voſſo antigo Amigo, e reflecti bem nelle, que ſó para vo-lo dar, he que me reſolvi a eſcrevervos, e crede que naõ tem outro fim eſta Carta. No eſ-

estado em que vós estais, naõ ha mais remedio senaõ, ou consentir, e cooperar para a total destruiçaõ da Companhia, ou mudar de politica, e sistema de governo, reformando os vossos subditos do modo que deseja a gente recta, desapaixonada, e prudente. No primeiro remedio impossivel he que concordeis; e desculpo-vos, porque toda a parte de qualquer corpo, ou seja boa, ou corrupta, naturalmente deseja, mais do que a propria, a subsistencia do seu Todo. Mas por outra parte, de que vos serve huma conservaçaõ taõ ignominiosa, e odiada por todo o mundo? O viver entre mil prosperidades temporaes, mas sem reputaçaõ, senaõ entre os máos, sem outro nome, senaõ o de perniciosos a toda a sociedade humana, e sem outra honra, senaõ a que sonhaõ os impíos, pondo o fito só na execuçaõ das suas iniquidades; viver por este modo he passar huma vida muito mais miseravel, do que a mesma morte.

Deveis pois necessariamente reduzir-vos a tomar o outro remedio, como mais seguro expediente; isto he, cuidar em huma geral refórma de governo, e de disciplina. Ora desta refórma vos quero

eu

eu propor hum methodo em Difcurfos breves, e fimples, como no principio vos diffe, e hirey dividindo-os por Capitulos, cada hum dos quaes, fe o obfervardes com a devida reflexaõ, ferá hum poderofo remedio para entrardes na graça do publico, e eftabellecerdes áquelle bom nome, que tem as outtas Ordens Religiofas, e com efpecialidade as mais refórmadas. Mas vede lá o que fazeis; naõ vos venhais logo defculpando com as voffas Regras, e Conftituições, urdidas pelos voffos Antigos. A Companhia, fempre que lhe fez conta, nenhuma difficuldade teve em fe apartar das fuas Leys efcritas: pois fe ella fempre foy muy pouco efcrupulofa da dita obfervancia lá para os feus fins politicos, origem de tantos efcandalos, porque ha de ter agora difficuldade em pôr de parte as ditas leys, quando fe trata de as melhorar, e de as fazer immediatamente conducentes para a perpetuidade de todo o Corpo?

Ora naõ entendais, que eu pretenda reduzirvos à aufteridade dos Cartuxos, e de outras Religiões penitentes. Tal naõ intento; porque feria fazer demaziada violencia a gente pouco exercitada

tada em aſperezas, e por outra parte mal lograr a minha eſperança. Só vos hey de propor aquelles pontos, que dizem reſpeito à externa Politica, e ſobre elles farey algumas reflexões politicas; eſperando, que a moral refórma do eſpirito naſça per ſi meſma, ou ſe funde com ſeria ponderaçaõ ſobre eſte plano, a que dou principio.

PONTO I.

Fazer verdadeira vida de Religioſos, e naõ querello ſer ſó no nome.

POis que a Companhia eſtudou ſempre em arrogar a ſi hum lugar na Igreja de Deos igual ao que occupaõ as Ordens Religioſas, e por tal ſempre quiz ſer reputada, enchendo-ſe de todos os privilegios, e honras, que às outras Familias concederaõ, ou os Papas, ou os Concilios, ou os Principes; pede a boa razaõ, e tambem o quer todo o mundo, que já que tendes as honras, tenhais igualmente os encargos da vida Religioſa. Vós bem ſabeis que *Religioſo* quer dizer homem todo dedicado, e conſagrado ao eſpecial ſerviço de Deos noſſo Senhor.

Exerci-

Exercitaõ os mortaes este especial serviço, segundo o uso, e disciplina do antigo, e novo Testamento : Primeiro : separando-se totalmente do mundo, conforme a regra de Jesu Christo, dada aos que o querem seguir de perto, como seus verdadeiros discipulos, deixando Patria, pays, parentes, filhos, mulher, marido, e bens, para haverem de receber o riquissimo premio de cento por hum. Segundo: empregando-se com todas as forças da alma naquellas obras, que se encaminhaõ ao culto de Deos, como v.g. a continua meditaçaõ sobre a Ley do Senhor, sobre as verdades eternas, e sobre as grandezas do Altissimo, conforme prescreve o Apostolo : *Die, ac nocte in legè Domini meditantes, & in orationibus vigilantes.* Além desta obrigaçaõ empregaõ-se os Religiosos no canto dos louvores divinos, para os quaes he destinado o Psalterio ; e a isto estaõ estreitissimamente obrigadas todas aquellas Communidades, que querem ter a gloria de pertencerem à Jerarquia Ecclesiastica, como em muitos lugares o inculca o mesmo Apostolo : *In Psalmis, & Hymnis, & Canticis spiritualibus cantantes, & psalentes in cordibus vestris Domino &c.* Terceiro,

ceiro, rogando continuamente ao Senhor das misericordias tambem pelo povo Christaõ, chorando os seus peccados, e intercedendo igualmente pelas suas temporaes prosperidades. Isto nos Religiosos, e Ecclesiasticos he obrigaçaõ naõ menos de caridade, que de justiça, assim legal, pelo que respeita ao seu estado, como commutativa, pelo que toca aos bens temporaes, e esmolas que percebem; pois que os fieis lhas daõ com a tacita condiçaõ, de que continuamente roguem a Deos por elles.

De tudo isto se segue, que deve a vossa Companhia viver em silencio, e retiro, e praticar hum total desapego a todas as occupações seculares, e mundanas. Deve introduzir o Coro, o canto, e o exercicio da Oraçaõ mental em commum. Bem sabeis, que este foy sempre o dezejo, ou, dizendo melhor, a vontade expressa de todos os Summos Pontifices a respeito da vossa Religiaõ, sem exceptuar até aquelles, que della permittiraõ, ou confirmaraõ o Instituto. A falta de todas estas cousas foy a que logo no principio fez a vossa Companhia odiosa em todas as terras, onde se introduzio, e a causa porque experimentou sempiternas

contra-

contradições no seu estabelecimento, chegando alguns povos a dizerem, que ereis peiores que os Turcos, porque naõ querieis louvar a Deos, em cuja milicia vos alistaveis. O mundo, meu Reverendissimo, he summamente soberbo, e por isso aborrece quem o engana, e delle escarnece. V. g. vê que vós arrogais o nome de Religiosos; vê que destes usurpais os privilegios, as honras, e as rendas, ou esmolas, e por isso pergunta: *E quaes saõ as occupações proprias de homens Religiosos?* He por ventura o prégar, o confessar, e o dar Exercicios espirituaes? Todas estas occupações saõ accessorias ao estado Religioso, e que só se pódem exercitar bem por homens de oraçaõ, e de virtude. O Coro, as preces particulares, e publicas, o continuo exercicio da oraçaõ em commum, e em particular, estas sim, que saõ as occupações, que distinguem as pessoas Religiosas das Seculares, e estas saõ as que todos queremos nos *Jesuitas*. De outro modo diremos, que elles nos enganaõ, chamando occupações constitutivas da vida Religiosa àquellas, que só saõ accessorias ao mesmo teor de vida. Por isso bom será que os naõ haja no mundo, e vivamos

vamos ſó com os Religioſos verdadeiros.

PONTO II.

Deixar o ambicioſo ſyſtema de governar tudo.

PAra ſe conſeguir eſte primeiro effeito, bem vedes o quanto he preciſo deixar por huma vez a idéa, e ambiçaõ de dominar o mundo. Por tanto he neceſſario que comece por vós eſte grande ſacrificio: ſim por vós, perdendo aquelle ar ſoberano de Monarca univerſal. Deitay fóra em má hora tantas ſecretas eſpias, que até aqui ſuſtentaſtes a pezo de ouro nos gabinetes dos Principes; tantos maſcarados exploradores, que tendes nas Congregações de Roma, e nos Palacios dos Cardiaes, e dos Miniſtros Eſtrangeiros; tantos eſpeculadores, que vos aviſaõ do que ſe obra nos Tribunaes, do que ſe paſſa nos Conventos Religioſos, e até do que ſe faz nas caſas particulares. Fóra, fóra tantos Engenheiros, Arquitectos, Capitães, Pilotos, e Artifices todos veſtidos de *Jeſuitas*, e que mantendes com o ſangue dos pobres. Fóra eſſas munições de guerra, que pela mayor

yor parte eſcondeis lá nos lugares ſubterraneos dos voſſos Collegios, e fóra eſſes theſouros, que tendes enterrados. Extingui eſſe voſſo Senado domeſtico, que vos faz eſcravo na voſſa meſma ſoberania, e que com mil adulações, e extravagantes idéas de grandeza vos faz hum fanatico idolatra de vós meſmo.

O mundo naõ póde ſoffrer em vós eſſa ambiçaõ de Monarquia, e lhe parece hum enormiſſimo monſtro, depois que leo no Evangelho aquelle: *Reges gentium dominantur eorum*: *vos autem non ſic*; e ſabe, que Chriſto o diſſe expreſſamente, quando os ſeus Diſcipulos ſe pozeraõ a diſputar entre ſi ſobre preeminencias, e mayorias. E tem razaõ o mundo em vos aborrecer; porque o reinar, e dominar temporalmente naõ parece na commua idéa dos homens Chriſtãos couſa propria de Frades, ou de *Religioſos* (como vós quereis que vos chamem) mas ſim daquelles que naõ quizeraõ deſpedirſe do ſeculo, nem profeſſaraõ com eſpecialidade de ſeguir à riſca os paſſos de Jeſu Chriſto, que diſſe tambem em outro lugar: *Regnum meum non eſt de hoc mundo*.

Pois que pretendeis meu Reverendiſſimo? navegar contra a corrente de todo

o mundo ? E que tirareis dahi. Parecevos que elle vos ha de deixar gozar em posse pacifica a vossa Monarquia ? Como vos enganais ! Ora deixay de andar dia, e noite a quebrar a cabeça, e amofinar o coraçaõ com esse fanatismo. Quereis que o mundo vos trate com verdadeira estimaçaõ, e vos renda sinceros obsequios? Portaivos do modo que o mundo quer. Cuiday só em governar, e mandar aos vossos *Frades*, e naõ vos metais em mais nada. Seja esta huma das leys fundamentaes da vossa Refórma; isto he, que a jurisdiçaõ do Geral *pro tempore* naõ se extenda fóra da Ordem. Contentaivos, que naõ he pouco governar huma Religiaõ inteira, qual he a vossa: estou certo que o Secular mais ambicioso se daria por contente. Vede como hum Geral dos Dominicos, dos Franciscanos, dos Carmelitas &c. he honrado, e de todos respeitáda a sua Dignidade. Até se chegá a pôr em questaõ, se segundo a regra de boa Politica seria acertado deixar qualquer delles o seu cargo, para vestir a Purpura de Cardial: e resolve-se commumente que naõ, prescindindo de ter especial vontade de largar o capuz. Taõ grande he a representaçaõ de qualquer destes Generalados!

PON-

PONTO III.

Deixar as Cortes, e adherencias com os Principes.

NEste ponto appello para a experiencia de todos, mas muito mais para a da mesma Companhia. Vós bem sabeis o grande prejuizo, que tem causado à vossa Religiaõ, e a outras muitas o exercicio, e empregos nas Cortes; com esta differença porém, que o damno às outras Ordens ficou só nos particulares, e o da Companhia, supposto o vosso Machiavelistico Governo, diffundio-se por todo o corpo. Ora dizeime: os excessos em que ultimamente cahio a Companhia, e o odio universal que hoje lhe tem as Cortes da Europa, naõ procedeo tudo daquella demasiada familiaridade, que ella tinha em outro tempo no Paço de Portugal, e de França? Mas deixando de parte estas relevantissimas perdas, e tragicas consequencias; porque quero crer, que vivamente as sentis; rogo-vos que por hum instante, valendo-vos daquellas precisões mentaes, que tanto vos saõ familiares, supponhais,

que naõ ſois o Geral dos *Jeſuitas*, mas ſim aquelle Secular o Senhor Lourenço Ricci, intimo amigo meu, antes que a juſtiça Divina por alguma occulta cauſa o condemnaſſe a veſtir o habito Ignaciano, em tempos taõ relaxados. Vós que tiveſtes trato peſſoal, e de correſpondencia epiſtolar com o P. Malagrida, e que aſſim no tempo de Secretario, como no preſente de Geral, certamente ſabieis palavra por palavra as Conferencias eſpirituaes deſte Heroe com a voſſa glorioſa Martyr a Marqueza de Tavora, naõ tereis grande difficuldade em fazer huma tal preciſaõ.

Fazey de conta, que tornaſtes à idade de mancebo, a qual paſſaſtes naõ em Pariz, Madrid, Lisboa, e Vienna, mas em Florença; e ſupponde que vamos ambos juntos, como muitas vezes hiamos, ao Palacio de *Pitti*; e que paſſadas as primeiras Ante-camaras, vieis alli hum *Jeſuita* emproado, fazendo debaixo do nome de Theologo a figura de Gentil-homem de Camara; acolá outro feito recebedor dos que pedem audiencia, ſendo na realidade ſó Confeſſor; para aquella parte outro, que com o titulo de Capellaõ he o Secretario dos Memoriaes;

por

por eſtoutra outro, que com o nome de Prégador ſaca dos pretendentes, e de quantos chegaõ, o motivo porque pedem audiencia. Em ſumma, figuray na voſſa imaginaçaõ, que eſtais vendo toda aquella noſſa antiga, e pequena Corte, chea de *Jeſuitas*, e outros Frades preſumptuoſos, e ſoberbos, què eraõ infalliveis nas ſalas do dito Palacio antiga reſidencia dos noſſos Principes.

Ora eſtais lembrado daquella odioſa idéa, que no tempo da noſſa mocidade nos imprimia huma tal viſta, quando hiamos juntos à dita Corte? Qual lembrarvos! Pois lembra-me a mim muito bem, que diziamos por entre os dentes: Que eſcandaloſas figuras! He poſſivel, que homens de profiſſaõ Religioſa façaõ papel de Cortezãos, e que por ſuas mãos paſſem todos os negocios publicos, e particulares do Eſtado? Eh! que Frades, e Clerigos ſó devem eſtar no Coro a louvar a Deos, e no Confeſſionario a ſervir à ſalvaçaõ do proximo. Eſta he a ſua Profiſſaõ, e ſe queriaõ ſeguir a vida da Corte, deviaõ naõ largar o ſeculo; ſe bem que muitos ficando nelle, apenas ſeriaõ admittidos a guardar as portas, e ſagãos do meſmo Paço, em cujas Ante-

cama-

camaras fazem a principal figura.

Ora se huma tal impressaõ, e escandalo nos causava esta vista em tempo, em que eramos rapazes, que effeito naõ faria ella em tantos homens de juizo, e experiencia, que entaõ se contavaõ em abundancia na nossa Patria? Que admiraçaõ naõ faria a tantos forasteiros de calidade, e de letras, que naquelle tempo vinhaõ a Florença? Se eu quizera, mil historinhas pudera contarvos a este proposito, mas naõ he este o meu principal argumento. Basta o exemplo apontado para conprehenderdes, que esta nossa fingida scena, representada no theatro da nossa antiga Corte, he huma satyra moral contra o *Fradaismo*, que se introduz à força, ou com devotos artificios nos primeiros lugares das Cortes com tanto escandalo, e indignaçaõ dos que seguem ao mundo. Estou vendo agora, se me negais nos Seculares este odio, e horror aos Frades Cortezãos, trazendo-me por prova aquellas apparencias de respeito, e veneraçaõ, que elles recebem até da primeira Nobreza Florentina. Ah meu P. Reverendissimo, que vós sois o primeiro que sabeis ser esse respeito (que em muitos passa a vil servidaõ) huma precisa ne-

cessida-

ceſſidade, e huma pura liſonja à Corte. O proverbio que diz : *Faze feſta ao caõ por amor do dono*, prova bem, de que natureza foſſem em outro tempo huns taes obſequios. Naõ ſey ſe eſtareis lembrado (porque naõ me occorre agora, ſe eſtaveis ainda no ſeculo) do tempo em que a noſſa Corte mudou de eſtylo, e entrou a deſalojar de Palacio a tantos Frades, e Clerigos. No caſo que vos lembre, como a mim, bem ſabeis, que o meſmo foy reſtituillos aos ſeus Moſteiros, e Coro, que ver as ſuas cellas deſertas, e deſpovoadas as ſuas Igrejas. Ceſſou o alluvaõ de carruagens às ſuas Portarias, e de gente aos ſeus Confeſſionarios; acabaraõ-ſe as viſitas frequentes, deraõ em ſeco os mimos continuados, e apagou-ſe o thuribulo das adoraçóes, e obſequios. E ſe naõ foſſe o credito, que ainda pretende ter na Corte de Vienna o voſſo P. Nicolai Theologo Imperial (que eſtando doente, foy viſitado pelo noſſo Arcebiho, e pelo Nuncio Borromeo) e naõ menos o P. Ximenes Geografo Imperial, nem huma ſó alma hiria a eſte Collego de S. Giovannino; mas eſtes dous individuos ainda attrahem alguns poucos vagabundos, e neceſſitados, que

à noite

à noite lhes vaõ fazer ſala, creyo que ao cheiro do chocolate, e caffé, com que o Nicolai engoda eſta gente, que na verdade pelo conceito que ſe faz della, vos rende bem pouca honra.

De tudo iſto, e do muito mais que poderia dizervos, deveis concluir, que naõ he effeito de amor, e eſtimaçaõ o ſequito de Nobreza, e de Povo, que tem os Frades cortezãos; mas ſim, ou de ocio, ou de neceſſidade, ou de liſonja. Por ultimo eſtay certo, que pois que todos os Chriſtãos ſabem muito bem, qual ſeja a regra dada pelo Apoſtolo a todos os que fazem profiſſaõ de vida Eccleſiaſtica, e muito mais aos Religioſos, iſto he: *Nemo militans Deo implicat ſe negotiis ſæcularibus*, todos haõ de eſtimar mais o leigo Coſinheiro dos Cartuxos, ou o Pateiro dos Barbadinhos, que ſó cuidam do ſeu humilde miniſterio, do que os voſſos celebres Cauſinos, Magios, Lainez, e outros. Mayor reſpeito lhes cauſaráõ eſſes Leiguinhos nas ſuas pobres officinas, do que ſe podeſſem tornar a ver em Heſpanha ao Padre Ravago no Miniſterio delRey D. Fernando VI., e os Padres Gonſalves, e Carboni no Gabinete de Portugal; eſte no Reinado del-

delRey D. Joaõ V., e aquelle no delRey D. Sebaſtiaõ, em que fizeraõ tanto ruido, que pareciaõ adorados dos Póvos. Accreſcentay a iſto a qualidade do ſeculo critico, em que vivemos, e o reſpeito que tem hoje a voſſa Companhia, a qual em intrigas de Cortes ſempre padeceo indeleveis, e vergonhoſiſſimas accuſações. O mundo he cego para julgar de ſi meſmo, mas he lince para julgar dos outros, e pela mayor parte poem as couſas na razaõ. Naõ quer paralogiſmos de facto, quer que cada hum faça a ſua figura, que lhe toca, ou por condiçaõ da natureza, ou por eleiçaõ do eſtado, ſem que na ſcena tome a ſi o papel que fazem os outros. Quer ver clara, e diſtincta aquella diverſa ordem, e diſtribuiçaõ de Claſſes, de Officios, e de Profiſsões, que fórma toda a ſua formoſura, e harmonia.

Por iſſo ſó quer ver ao Soldado nos ſeus exercicios, e naõ mettido nas arengas forenſes; ao Letrado eſcrevendo à ſua banca, e naõ nas Juntas de Theologos; ao Cortezaõ nos Paços, e ao Frade, e Clerigo, ou (para evitar qualquer voſſa cavilaçaõ) ao homem Eccleſiaſtico ſó quer ver, já no Coro cantando os lou-

vores Divinos, já rogando pelos peccados do povo. Efcandaliza-fe muito o mundo, fe vê a hum deftes em ar de galan com as Damas, como fez em Florença hum voffo Theologo de barbas, que inftruido por Ovidio, diffe huma vez defte modo: *Senhora, toda efta noite paffey fonhando com vofco; e apenas amanheceo, levanteime, e pareciaõ-me mil annos os inftantes em que me demorava a vir beijarvos a maõ.* Naõ diffe mais, porque o interrompeo o criado com o chocolate.

Efte, Padre Reverendiffimo, naõ he o modo de vida, que deve praticar hum Ecclefiaftico, porque até o aborrece o fecular de bons coftumes. Antes o mundo Chriftaõ, e pio, pretende com juftiça, que haja nos homens confagrados a Deos aquella ordem, e difpofiçaõ no feu obrar, que manda o Apoftolo: *Omnia honefte, & fecundum ordinem fiant.* O voffo Alapide explicando eftas palavras, atinou bem na razaõ, dizendo: *Quia hic ordo etiam in rebus indifferentibus alios (etiam Infideles) valdè ædificant.* Pois fe edifica muito a boa ordem, logo a confufaõ dará jufta materia para efcandalo; ifto he, logo o ver Religiofos, o

ver

ver *Jesuitas* frequentando por habito as Cortes, e Palacios, naõ he ſegundo a boa ordem inſtituida por Chriſto, inculcada pelo Apoſtolo, e jurada por quem para ſempre ſe deſpedio do mundo; mas ſim ſegundo as irregularidades, e confusões, que approva, e inſpira a relaxaçaõ dos mundanos. Ainda tiro outra conſequencia: logo os Religioſos, e *Jesuitas* palacianos daõ aos fieis, e infieis grandiſſima materia de eſcandalo, do qual juſtamente vem a naſcer o odio, a averſaõ, e o vilipendio do Povo fiel, e Infiel.

Ora eu muito me tenho extendido neſte Capitulo. Perdoaime, Reverendiſſimo, reflectindo em que a materia era em ſi muito vaſta, e aſſaz importante para a Refórma. Concluo pois, que ſe chamem para o Clauſtro todos os *Jesuitas* palacianos, que naõ ſaõ poucos: obrigay-os a viver no retiro do cubiculo, e no exercicio do ſilencio, do Coro, e da Oraçaõ Mental, como fazem as Communidades refórmadas. Por eſte modo até ſe ampliará muito mais a voſſa Monaſtica Authoridade, porque os tereis mais obedientes, e ſujeitos. Para o futuro ſeja huma das leys fundamentaes da

Re-

Refórma, que nenhum *Ignaciano* por qualquer titulo, ainda que ſeja eſpiritual, ſirva em Corte a algum Principe; e que nem o meſmo Geral poſſa em tal diſpenſar. Mas vede lá bem, que naõ ſucceda a eſtas leys o meſmo que tem ſuccedido a outras, feitas na Companhia ſobre a meſma materia; quero dizer que naõ ſejaõ leys ſó para enganar a gente ſimples, e naõ para ſinceramente ſe guardarem; pois que no meſmo tempo que ſe intimavaõ, ſe tranſgrediaõ ſem algum caſtigo em todas as Cortes da Europa. Façaõ-ſe, e obſervem-ſe; aliàs extinguaſe a Companhia.

PONTO IV.

Tirar de huma vez todas as Pensões.

TAmbem eſte ponto he dos mais importantes, para ſe conſeguir a Refórma. Todos os voſſos Penſionarios ou ſejaõ de alta, e eminente esféra, ou de humilde, e baixa condiçaõ, ſaõ pelo menos reputados por gente vendida à Companhia, para lhe dar goſto, e favorecella em qualquer ſua entrepreza, e idéa, por mais extravagante que ſeja.

Ora

Ora vede ſe ſe póde dar motivo mais natural, para elles, e ella ſerem aborrecidos de morte. Correſponde-lhes a Companhia pelos meſmos paſſos, apoyando, e defendendo todas as bellas hiſtorias deſtes ſeus apaniguados, e ainda aquelles que immediatamente naõ dizem reſpeito a ella; porque he huma preſumpçaõ bem fundada, que eſta gente naõ dá, nem ſe quer hum paſſo, nem diz huma ſó palavra, que naõ ſeja por acçaõ, e movimento do Corpo *Jeſuitico*, ao qual ſe venderaõ como eſcravos. Por onde ſe eſtes taes ſaõ peſſoas de authoridade, o que tirais deſta idéa, he adquirir huma infinita multidaõ de mal contentes, que de vós murmuraõ, e de inimigos que ſó cuidaõ na voſſa ruina.

Daqui vem ſerem eſſes Penſionarios a fabula de todo o mundo, e apontados com o dedo, como os meſmos *Jeſuitas*. A pezar de ſerem peſſoas de eminente authoridade, ninguem ha, que naõ deſpreze, e eſcarneça das ſuas determinações, ainda que claramente naõ digaõ reſpeito aos intereſſes da Companhia, pela ſobredita preſumpçaõ publica, de que tudo procede de hum meſmo eſpirito, univerſal motor de todas as ſuas ac-

ções ; quero dizer , o ouro *Jesuitico.* Naõ fallo na opiniaõ que adquirem de almas vîs , intereſſeiras , ambicioſas , e perdidas, aſſim como o he a de qualquer *Jesuita* admittido ao ſegredo do Governo.

Para provar o quanto a voſſa Companhia , e os Penſionarios della ſaõ odioſos a todos , e o quanto ſe zomba das ſuas determinações , naõ quero outro exemplo , ſenaõ hum bem moderno , do qual naõ ſe eſqueceraõ tantos livros , que contra vós tem ſahido , como bem notou hum dos voſſos Eſcritores *Bottagrifianos.* Por naõ contar o caſo *ab ovo* , lembrarmehey ſó do fim delle , e deixarey em ſilencio o mais que precedeo deſde que ſahio *huma certa Carta* , ate à partida do Miniſtro de Portugal. Mandou o noſſo Eminentiſſimo queimar publicamente por maõ do Algoz , creyo que em 31 de Janeiro do anno paſſado , aquelle famoſo livro , em que ſe contavaõ as virtudes da voſſa Religiaõ. E que caſo fez o mundo Catholico deſta ſanguinoſa *Demonſtraçaõ* , feita com pouca Politica , e com hallucinado juizo ? Vós bem o ſabeis : eſte livro , como ſe fora a imaginada Fenix dos Poetas , reſurgio

das

ſuas meſmas cinzas , naõ ſó em mil partes de Italia , mas fóra della , reimprimindo-ſe no Original Italiano , e traduzindo-ſe em diverſas linguas Europeas. Se he certo o que me diz hum Amigo ſeguro nas ſuas noticias , eſtá-ſe fazendo da tal Obrinha huma nova Ediçaõ mais accreſcentada , a qual entendo que naõ deixará de vos hir à maõ.

Deſte facto , e de outros muitos praticados contra huma Corte taõ affecta à Sé Apoſtolica , e taõ benemèrita da Igreja , ſe colhe a bem fundada preſumpçaõ , de que eſſe Eminentiſſimo ſe entregara todo nas voſſas mãos , e do voſſo Conſelho Politico. O que eu vos poſſo aſſegurar he , que as murmurações a eſte reſpeito chegaõ de Roma até Florença ; ſe com fundamento , ou naõ , iſſo naõ quero eu diſputar. O que ſó pertendo he , que conſidereis , ſe eſſe tenue bem , que vos póde provir em voſſas extravagantes pretensões deſſes Penſionarios , ſe póde comparar com a perda que experimentais de dia em dia na voſſa reputaçaõ , e honra. Oh ! abri por huma vez os olhos , desfrutay em paz entre vós outros eſſes theſouros , que eſpalhais , e deſpedi toda eſſa turba de aduladores ,

ar-

artifices da voſſa ruina. Mas iſto naturalmente ſe ſeguirá, ſe quizerdes ſeriamente praticar o que vos apontey no ſegundo Capitulo, iſto he, deixar a idéa, e tentaçaõ de dominar no mundo.

PONTO V.

Naõ admittir mais nenhum Devoto, e Apaniguado.

FAllando dos Penſionarios, naõ poſſo deixar de dizer alguma couſa ſobre outra claſſe de Gente, que devotamente ſe conſagra ao voſſo ſerviço, e que todos os judicioſos tem por eſpias, ou publicas, ou particulares da Companhia. Bem ſabeis, que naõ ha no mundo peſſoas mais deshonradas, e odioſas, do que as eſpias; e que eſta deshonra, e odio todo vem a cahir ſobre quem as fomenta, e apoya, ſe naõ tem authoridade publica para uſar dellas em beneficio da Republica. As razões ficaõ apontadas no Capitulo antecedente. Querendo pois a Companhia eſtabelecer bom conceito no mundo, deve deſpedir eſtes ſeus Apaixonados, e Devotos: além de que as eſpias ſaõ para os Gabinetes dos Princi-

pes,

pes, e naõ para os Clauſtros dos Religioſos. Por onde ſe quereis riſcar da memoria toda a idéa da ſoberania, que já vos perſuadi em outro lugar, deveis desfazervos de eſpias, e mandallas de preſente aos que dellas ſe devem ſervir. Oh ſe vós, Padre Reverendiſſimo, ouviſſeis os bellos Panegyricos, que aqui em Florença vos fazem nas converſações alguns Cavalheros moços, chegando até a jactarſe com ſeu infame vituperio de ſerem eſpias do voſſo Padre Nicolai, e por conſeguinte da Companhia! Sim, ſe os ouviſſeis, poſto que ſejais o Geral, eſtou certo, que ſe vos haviaõ de fazer ás faces vermelhas; porque com todas as voſſas precisões mentaes naõ podeis deixar de ſer Florentino, e da Caſa Ricci.

PONTO VI.

Deixar toda a caſta de trafico mercantil em commum, e em particular.

AQui ſim, que naõ neceſſito de grande perſuaſaõ, lembrando-me do que dizem alguns livros de varios Hereges deſaforados, e petulantes do ſeculo paſſado. Eſcrevem elles, que o fazerem

os Capuchinhos, e Franciſcanos Obſervantes profiſſaõ de rigoroſa pobreza, he huma idéa de finiſſima Politica, para ganharem a compaixaõ dos Fieis, e ſerem venerados pela ſua independencia. Maxima impia, deteſtavel, e calumnioſa; mas ſerve-me agora, para vos moſtrar o ſublime conceito, que fazem [ao menos no genero Politico] da Pobreza Evangelica os meſmos, que eſtaõ fóra do gremio da Santa Igreja. Porém para que he recorrer aos Hereges? Nós os Catholicos ſabemos muito bem, que diz Chriſto no Evangelho: *Non poteſtis Deo ſervire, & mammonæ*; que naõ ſe póde ſervir a Deos, e às riquezas; iſto he, a tudo aquillo, que ſe encaminha a enriquecer, como he o trafico mercantil. Sabemos muito bem, que eſta ſentença da Eterna Verdade ſe dirige eſpecialmente àquelles, aos quaes na peſſoa daquelle Mancebo Evangelico tinha dito o meſmo Senhor: *Si vis perfectus eſſe, vade, vende omnia, quæ habes, & da pauperibus, & veni ſequere me.*

Por outra parte ſabemos muito bem, que em virtude deſte eſpirito de Jeſu Chriſto prohibiraõ ſempre conſtantemente os Sagrados Canones debaixo das

mais

mais graves cenſuras às peſſoas Eccleſiaſticas, e com eſpecialidade às Religioſas, todo, e qualquer modo de commerciar, ainda que foſſe encuberto com a apparencia de honeſto pretexto. Donde ſe ſegue, naõ podermos viver em paz com voloutros *Jeſüitas*, vendo-vos engolfados em todo o genero de commercio groſſo, e miudo, por maneira taõ eſcandaloſa, que tendes publicas logeas abertas de toda a caſta de fazendas, e generos, e Bancos de Cambio, e uſura, em que praticais dolos inauditos, que envergonhariaõ aos meſmos Judeos. Do voſſo horroroſo proceder neſta materia eſtaõ as Hiſtorias cheyas; e como os factos ſaõ infinitos, notorios, e já juridicamente ſentenciados, por iſſo os naõ refiro.

Daqui vem queixarem-ſe de vós os Principes com muita razaõ, vendo que fazeis publica figura de Negociantes, e naõ pagais no meſmo tempo aquelles Direitos Reaes, que eſtaõ impoſtos às mercadorias. Daqui vem queixarem-ſe igualmente os Commerciantes, experimentando, que ſem attenderdes a mil excommunhões, em que cahis, lhes uſurpais os ſeus lucros. Daqui vem queixarem-ſe as Fabricas publicas, e as Offici-

cinas de varios officios, clamando, que desfazeis muito nas ſuas fazendas, e manifacturas, pagando-as pela metade do que as reputaõ os outros Negociantes; e o peyor he, que com grandes demoras, e quaſi nunca em dinheiro de contado, mas na peyor fazenda que tendes nos voſſos armazens, em cuja venda vem os miſeraveis a perder muito. Finalmente daqui vem queixarem-ſe com razaõ contra vós todos os Póvos da Chriſtandade (e pode-ſe dizer tambem, que do Gentiliſmo) eſcandalizando-ſe de perverterdes a boa ordem, e diſpoſiçaõ da Jerarquia Eccleſiaſtica, fazendo da Caſa do Senhor caſa de Negocio, e folheando em vez do Breviario o livo do *Deve*, *e ha de haver*, e outros pertencentes à Arte Mercantil.

Naõ, meu Padre Reverendiſſimo, o mundo naõ vos quer aſſim, e impaciente já cõm tantos eſcandalos, quer ver as couſas nos ſeus lugares devidos. Por iſſo clama contra os voſſos procedimentos, e o menos que diz, he: *Que quaſi todo o que veſte a roupeta Jeſuitica, he para negociar ſem perdas, e com mayor liberdade, comprando a preço de ſacrilegios a ſua eterna infelicidade.* De facto eſte foy o Panegyri-

co

co funebre, que se pronunciou pela morte do Padre Tambini, famoso Banqueiro, e Contrabandista em Genova, que se foy para o outro mundo, deixando na sua casa de Negocio como fruto de industria muitas mil *Genovinas*; mas muitas mais eraõ as excommunhões que ellas lhe tinhaõ custado. Porém para que me canço eu inutilmente em hum ponto, em que ninguem melhor do que vós sabe os bellos, e honrosos epithetos, que ha seculos dá o mundo todo à Companhia na materia do seu escandaloso commercio. Posto que estes elogios andem em infinitos livros, eu me naõ atrevo a escrevellos; mas para o meu zeloso intento nada se perde, porque vós, como já disse, ainda mal que naõ os ignorais.

Huma cousa tomara eu, que me dissesseis com lisura, e he, que proveito tirais vós outros de todos esses ganhos mercantis, adquiridos com tantos vituperios, maldições, e satyras de hum mundo inteiro, se geralmente sois a abominaçaõ de toda a classe de Pessoas? Eu bem sey que este he o fundo, comque mantendes as espias, e comprais a protecçaõ dos Grandes. Mas em fim este artificio

tificio como eſtá já deſcoberto, começa a ſer inutil; porque naõ haverá já peſſoa de calidade, que vos queira vender o ſeu favor à cuſta da ſua reputaçaõ, tendo parte na voſſa publica ignominia. Demais: e de que vos ſerve o arrimo dos Poderoſos, comprado ao caro preço de tanta deshonra, e infamia voſſa, que pelas vozes dos Póvos já tem chegado ao throno de todos os Principes da Europa? O favor dos Grandes ſem a eſtimaçaõ dos Póvos parece-me, ou hum alicerce ſem edificio, ou hum edificio ſem alicerce. Vós meſmos nas preſentes vexações, que por toda a parte vos opprimem, deveis forçoſamente confeſſar, que neſte ponto errou a voſſa fina Politica; pois que deſtruiſtes com dez mãos o que edificaſtes com huma. Neſtes apertadiſſimos termos chamem-ſe de humas, e outras Indias todos eſſes famoſos Negociantes *Jeſuitas*; fechem-ſe todas eſſas logeas de fazendas, e Bancos de Cambio; queimem-ſe todos eſſes livros de contas, e faça-ſe huma ſeveriſſima ley que mande, que nenhum *Ignaciano* para o futuro poſſa fazer commercio algum, por minimo que ſeja, aſſim em commum, como em particular. Já mais

ſe

ſe empregue a Companhia em taõ ſordida ocupaçaõ, antes eſteja neſte ponto pelas diſpoſições do Evangelho, commuas a todos os Religioſos; obſerve as determinações da Santa Igreja, que em diverſos tempos promulgou directamente contra ella eſpeciaes Decretos ſobre eſta materia.

Ouvime ainda huma couſa, antes que acabe eſte Capitulo. A voſſa Companhia naõ he já baſtantemente rica, e naõ o ſerá muito mais, cortando por taõ exceſſivas deſpezas, que faz com Eſpias, e Protectores? Pois que fazeis, que naõ ajuntais eſſes immenſos dinheiros, que tendes acunhados, e mortos nos ſobterraneos de algumas Caſas, e Collegios, eſpecialmente em Roma, e muito mais eſſe cabedal infinito, que gira por todas as Praças do mundo? Ajuntay todos eſſes theſouros, e fazey delles huma juſta diſtribuiçaõ por todas as voſſas Caſas, e Collegios, para que eſtabeleçaõ com elles hum fundo util, e frutuoſo, ſe naõ houver Ley do Principe que o prohiba; e quando a haja, empregue-ſe o cabedal naquella maneira que o Soberano permittir, ſuſtente-ſe com elle aos Religioſos, e o demais reparta-ſe pelos pobres.

Vós

Vós certamente com o dinheiro morto, e mercantil que tendes, podeis fundar em cada Cidade Abbadias muito mais pingues, que as que tinhaõ em outro tempo os Bentos de Italia, e França. Pois gozay embora deſſas voſſas riquezas, mas ſeja com boa reputaçaõ entre os Póvos, como por muitos milhares de annos gozaraõ as ſuas os ſobreditos Monges, e gozaõ de preſente, ſem haver quem com elles entenda. Mas para iſto he preciſo que os imiteis, comprando com os ſobejos das voſſas rendas a verdadeira eſtimaçaõ, e amor dos Póvos, e dos Principes, taõ neceſſario a homens Religioſos, favorecendo os pobres com abundantes eſmolas annuaes, e quotidianas. Aſſim fizeraõ ſempre, e fazem os Cartuxos, os noſſos Camaldulenſes, os Bentos, os Bernardos, e outros Monges, que ſe tem riquezas, ſaõ com ellas uteis ao meſmo Eſtado Politico. Até os meſmos Mendicantes com muita edificaçaõ repartem com os pobres os ſobejos do ſeu pobre refeitorio. Para vos confundirdes, baſtará que obſerveis o que neſte ponto praticaõ os Franciſcanos, e qualquer outra Familia Mendicante, ao meſmo tempo que nas voſſas Portarias

(ſe-

(ſegundo ſe tem bem obſervado em Italia) naõ ſe dá nem huma fatia de paõ, nem huma eſcudella de caldo pedido pelo amor de Deos; mas por iſſo ouço chamarem-vos os tyrannos dos pobres. Eh! reſoluçaõ; apaguay eſte eſcandaloſo nome, e reſarci por huma vez com mãos miſericordioſas taõ torpe deshonra.

PONTO VII.

Chamar os Miſſionarios, e deixar a outros eſte Miniſterio Apoſtolico.

NAõ he preciſo, que vos dê a razaõ politica que tenho para crer que em voſſo poder ſaõ perniciosas as Miſsões. Vós muito melhor do que eu ſabeis o máo nome, que por conta dellas adquiriſtes, deſde que puzeſtes o pé em Regiões barbaras, até o tempo preſente. Eſtá o mundo já de todo perſuadido, de que a Companhia para fim bem diverſo do da propagaçaõ do Evangelho, e ſalvaçaõ das almas, he que tomou a ſi as Miſsões aos Infieis. Tem por certo, e certiſſimo, que as procuraſtes para fundardes dilatados Reinos à voſſa Monarquia; para tirar o Sceptro a legitimos

Sobe-

Soberanos: para meter em vós o opulento commercio, que aquellas Regiões fazem com a Europa, e estabelecello em terras, onde o naõ houvesse, a fim de enriquecer mais a vossa Companhia; para fazer dependentes de vós, e como tributarios, os Principes da Europa; e em fim para de lá dar principio à vossa universal Monarquia. Por isso he, que naõ tendes as vossas Missões, e Residencias, senaõ em Praças mercantis, em Cidades ricas, e em bons portos de mar, como concordemente contestaõ os Missionarios de outras Religiões. Donde vem, que ainda naõ pozestes os pés em huma grandissima parte de Asia, que por ser Certaõ, e remota do Continente povoado, he esteril, e inutil.

A vossa escandalosa ambiçaõ de ganhardes mais dinheiro, do que almas para Deos, prova bem a moderna representaçaõ do Clero Mexicano a ElRey de Hespanha. Por elle se sabe, que sendo vós (segundo publicais) huns pobres Missionarios, possuis só na distancia de trezentas e trinta e tres legoas mais de oitenta Roças, ou Fazendas, nas quaes tendes cento e noventa e seis cavalgaduras; que recolheis em cada hum anno

mil

mil e cento e noventa e nove *Caizes* (1) ſemeando novecentos e noventa e cinco: que recolheis ſeſſenta e cinco mil duzentas e noventa e duas fangas de trigo; ſemeando quatrocentas oitenta e quatro: que recolheis trezentos e oitenta e hum *Caizes* de feijões, ſemeando ſeſſenta e oito: que recolheis trezentos e ſetenta *Caizes* de ervilhas, ſemeando cincoenta e hum. Conſta mais, que tendes quatro mil oitocentas e cincoenta cabeças de gado; mil e cincoenta e tres boys ferrados; de criaçaõ de cavallos quinze mil ſeiſcentas e dez cabeças; de potros mil ſetecentos e trinta e tres; de machos, e mulas quinhentos e cincoenta e oito; de ovelhas trezentas e quarenta mil quinhentas e trinta e duas; de cordeiros noventa e tres mil e vinte e ſeis, de que tirais vinte mil quinhentos quarenta e hum *Rubios* [2] de lã (cada Rubio tem trinta e tres libras e meya Italianas). Conſta mais que tendes noventa jumentos, dezanove jumen-

---

[1] Cahiz *he certa medida particular de Heſpanha, que conprehende doze fangas.*

[2] Rubbio *he certa medida avultada, ou pezo com que em Italia ſe vende, ou peza a palha, lã &c.*

jumentas; cincoenta e oito mil cabras; dezasete mil e oitenta e dous cabritos; setecentos cincoenta e oito pães de assucar, e cada paõ de tres *Rubios*; tendes em fim de renda trezentos vinte e oito mil oitocentos e cincoenta e hum *Pezos grossos*, isto he, Patacas Americanas de mais de nove *reales de plata* cada huma.

Ora vede, meu Reverendissimo, se sabe o mundo, ou naõ, qual seja a tenuidade do patrimonio dos vossos pobres Missionarios. Mas ainda o mundo sabe mais: sabe que ha annos mantendes exercitos, oppostos às tropas Europeas dos dous Monarcas Senhores da America; e que para este fim tendes reduzido a huma perfeita escravidaõ a todos os Indios, fazendo-vos senhores das Provincias mais ricas. A salvaçaõ das almas, e os seus espirituaes interesses he para vós huma cousa totalmente indifferente; e com tanto que aquelles desgraçados póvos vos obedeçaõ às cegas, e vós lisongieis os gostos dos Principes Pagãos, nenhuma difficuldade tendes de admittir ao numero dos Christãos aquelles, que ainda adoraõ, e sacrificaõ aos seus torpes Idolos. Antigo he em vós reputar por cousa indifferente a adopçaõ de Ritos, e Ceremonias Gentilicas,

tilicas, desprezando para isto Bullas sobre Bullas, e Excommunhões sobre Excommunhões. A refrear a vossa longa obstinaçaõ, e contumacia, naõ tem bastado o zelo ardentissimo de tantos Bispos, de tantos Vigarios Pontificios, e de tantos Legados Apostolicos. O unico fruto que tiráraõ de seus trabalhos foraõ persegui-çõçs barbaras, ignominias inauditas, e por ultimo morte tyranna, mimos ordinarios, com que tratais a todo aquelle, que, por qualquer modo que seja, se oppoem às determinações, e idéas da vossa Companhia.

Para evitar pois tantos prejuizos, e obviar tantas desordens, he necessario, P. Reverendissimo, deixar de todo essas Missões, e chamar à obediencia claustral todos os Missionarios. Já sey que me direis, que quanto dizem delles, saõ puras calumnias inventadas por malevolos, e especialmente pelos que nós chamamos Jansenistas. E que importa (digo eu) que sejaõ calumnias, se o universal discredito, e infamia da Companhia he real, como se essas imposturas fossem outras tantas verdades? Mas que sejaõ verdades, he já ponto incontrastavel: e para que de huma vez vos persuadais, que

eu

eu naõ me fundo só em argumentos extrinsecos, quero-vos dar huma grande prova, naõ daquellas, que já cem mil vezes estaõ ditas, e reditas, mas fundada em hum modernissimo Documento. Ora lede este paragrafo de huma Carta, que hum insigne Missionario de Aleppo, Religioso de outra Ordem, escreveo a hum seu Irmaõ em Habito, que lá assiste em Roma, e que tal vez vós conhecereis muito bem. Nem de hum, nem de outro vos direy o nome, em quanto naõ vir o effeito, que produz esta minha Carta; porque, como diz o Latim barbaro dos Allemães: *Cum vulpibus est vulpinandum.* Vamos ao paragrafo.

Aleppo 16 de Março de 1760.

M. R. PADRE.

OS Padres Jesuitas traduziraõ aqui em Arabigo ao Busembaum, sem notarem alguma das Proposições condemnadas. Com elle tem empestado a estes pobres Clerigos Gregos, Armenios, e Sorianos, que tem por hum Santo Padre a este detestavel Author. Com elle oh que gran-

grande mal tem causado, e causaráõ para sempre estes *Jesuitas*, peste, e ruina do mundo! Fazem seus ajuntamentos de homens, mulheres cazadas, e donzellas; nenhum entra nestas Assembleas, sem prometter humas certas condições, isto he, de silencio, de naõ se confessar senaõ a elles, e de naõ hir ao Bispo seu Prelado sem licença delles. O peyor he, que tudo isto se faz a portas fechadas, e ha entre todos hum final para se conhecerem, a fim de que naõ entre algum estranho. Attendem estes Padres só à gente rica, da qual todos os mezes percebem sua ordinaria, que naõ gastaõ com os pobres, porque com elles se naõ metem. Dispensaõ aos seus devotos para comerem peixe na Quaresma, comida que lhes he prohibida, como a nós outros a carne: e assim naõ jejuaõ, pois que só nesta abstinencia consiste o Rito Grego, podendo aliás comer no dia, quantas vezes quizerem. Demais: estando por conta de perseguições fechadas as Igrejas Gregas, Catholicas, o povo numeroso desta Naçaõ, que passa de quinze mil pessoas, naõ tem outra Igreja em que possa ouvir Missa, senaõ a dos Padres Menores Observantes da Terra Santa:

ta: Ora que faraõ eſtes brutos (por naõ lhes chamar peyor nome) em caſo de tanto aperto? Prohibem aos ſeus devotos o hirem á dita Igreja ouvir Miſſa, e deſobrigarem-ſe pela Paſcoa, para que naõ ſucceda treſmalharſe-lhe o rebanho, e perder o povo rico a devoçaõ que lhes tem. Poderá algum dizer: e porque naõ convidaõ elles eſte povo para as ſuas proprias Igrejas? He preciſo ſaber, que em Turquia, ſe a Igreja naõ he publica, corre grande perigo ajuntar gente em alguma Capella particular: e como os *Jeſuitas* naõ tem ſenaõ hum Oratorio occulto, por iſſo naõ ſe querem expor ao riſco de chamar povo às ſuas Miſſas. As Aſſembleas de que falley, fazem-as ſem celebrar Miſſa, e deſte modo ſe livraõ do perigo de ſerem accuſados de fazer Igrejas. He certo, que aqui praticaõ livremente todas as Maximas do ſeu Governo, e todas as doutrinas dos ſeus mais relaxados Moraliſtas. Por onde naõ deve cauſar maravilha, que naſçaõ diſſensões entre os Miſſionarios, e ſe deſtruaõ as Miſsões com eſcandalo dos Orientaes. Aqui, annos ha, foraõ excommungados, e devendo ſer tidos por huns demonios, como taes deſcobriraõ novos modos de

tornarem

tornarem a reinar, abſolvendo aos abaſtados de culpas de gula, de ſenſualidade, e de avareza. Deſte modo vaõ ſempre puxando para diante, ou dizendo melhor, puxando almas para o inferno. Miſeravel Chriſtandade de quaſi trinta mil Catholicos, que ſe a naõ inficionara eſta peſte, ſeriaõ taõ bons fieis, como antes eraõ! Aqui já quaſi que naõ ha quem obſerve o Rito proprio, e com tudo a todos abſolvem eſtes Padres, dominando tudo com deſtruiçaõ da Igreja. Se eu tiveſſe tempo, e podeſſe eſcrever, o que elles tem obrado neſtes annos proximamente paſſados, publicaria hiſtorias ſó dignas de tal caſta de gente. Eſperar que ella ſe emende, he impoſſivel; pois que com todas as Tragedias, que lhe ſuccedeo em Portugal, ainda aſſim he a meſma, e ſempre o ſerá, ſe naõ ſe arrancar como a zizania. Mas deixemos eſta peſte moral, e vamos à fiſica &c. &c.

Agora me direis vós, P. Reverendiſſimo, pois nós havemos de confeſſar tantas iniquidades, quantas ſaõ as de que ha tanto tempo nos accuſa o mundo? E que máo ſeria [vos reſpondo eu] confeſſaivos reos para o louvavel fim da voſſa emenda? Mas naõ façais embora eſta

confiſſaõ; naõ importa: dizey ſómente, que deixais as Miſsões, para dar nova fórma à voſſa Companhia, a qual o mundo tanto dezeja, e para poderdes viver em retiro para vós meſmos. Porém ouço que me inſtais: E aquellas riquezas, e copioſiſſimas remeſſas, que da Aſia, e America nos vinhaõ todos os annos? Pelo amor de Deos naõ vos lembreis de tal, que eſſe he hum dos pontos cardeaes da voſſa ignominia, e do odio univerſal. Dizeime, que couſa he mais eſtimavel neſte mundo, a honra, ou as riquezas? Quem he mais feliz, hum pobre honrado, ou hum rico aborrecido de todos? Se ainda conſervais algum juizo, deveis reſponderme, que às riquezas ſe prefere a honra, e que o pobre com boa reputaçaõ faz melhor figura, que o rico infamado. Ora applicay a vós eſta ſolida doutrina. Vós preſentemente tendes grande neceſſidade de ganhar honra publica, e de adquirir aquelle bom nome, proprio de Religioſos, o qual talvez nunca teve a Companhia. Naõ tendes para o conſeguir outros meyos, ſenaõ eſtes que vos proponho, como já vos moſtrey nos meus preliminares.

Quanto mais, que vós ſem Miſsões

ſereis

fereis ainda mais ricos do que prefentemente fois. Cortay por todas effas defpezas inuteis, as quaes naõ vos rendem fenaõ odio, vituperios, e defprezo dos póvos. Segundo o plano propofto no capitulo antecedente, tirar por modos licitos, e mais agradaveis aos mefmos Principes melhores juros dos voffos dinheiros, ou fepultados nos cofres, ou vivos no prohibido commercio. Diftribui-os adequadamente por todas as voffas Cafas, e Collegios; cuiday em gozar delles por hum modo licito, e commodo muito à voffa vontade, mas modefto, qual convem a homens Religiofos, e depois me direis, fe ha no mundo Corpo Politico mais opulento do que o voffo. Agora fim tendes grandes rendas nas Indias, e na China, mas tambem tendes grandes gaftos, em que fó lucrais a peyor fama que póde fer. Que o digaõ os Exercitos que fuftentais por mar, e terra, as efpias, os affaffinos, e os Correyos fecretos, que mantendes, as conjurações, os efpectaculos magnificos, e as pensões que pagais &c. E pondo-vos vós no teor de vida, que digo, naõ terieis outra coufa em que cuidar, fenaõ no voffo tratamento, e no remediar aos pobres com os fo-

bejos das vossas rendas. Ora experimentay-o, P. Reverendissimo, e depois desmentime.

PONTO VIII.

Fechar os Estudos publicos, e naõ admittir Collegios.

AQui sim, que haveis de arquear as sobrancelhas, espantado desta proposiçaõ, e com aspecto severo me direis em tom destemperado: Pois quereis que deixemos a parte mais gloriosa, e importante do nosso Instituto? Quereis que fechemos a porta por onde nos vem a estimaçaõ, e respeito dos póvos? Quereis roubarnos a chave naõ só das casas, e bens dos outros, mas dos seus corações, e até do seu mesmo sangue? Naõ, meu Reverendissimo; tal naõ quero; antes por este modo pretendo restituir ao vosso Instituto a parte mais gloriosa, e importante, que lhe falta; abrirvos de par em par a verdadeira porta para a geral estimaçaõ, que perdestes por conta dos Estudos; e por fim tirarvos o afrontoso labéo de *Espias* das acções alheas, de *Harpias* dos bens do proximo, de *Violentadores*

tadores de vontades, e de *Destruidores* da Nobreza.

Eu me explico: que credito, e honra tendes até aqui tirado das vossas Escolas publicas? Se o naõ sabeis, eu vo-lo digo. Os que fallaõ neste ponto com mayor reserva, dizem, que as vossas Classes saõ hum Seminario de ignorancia, de confusaõ, e de pessimo methodo. Por isso para desengano dos nossos Florentinos, os quaes por fim parece, que já vaõ abrindo os olhos, cantou egregiamente de vós outros o doutissimo Ceselio Filomastige:

Oh uomin ciechi, e senza sillogismi!
Se ragionaste alquanto, e ben vedreste,
Che vi fan poco onor vostri sofismi;
E vi fate stimar rovina e peste
Della tenera Etrusca Gioventute,
Che ha per imparar valor celeste &c.

Outros constantemente affirmaõ (e dizem sabello por factos verdadeiros) que he em vós huma finissima Politica o educardes em ignorancia a Mocidade, que o Publico vos entrega; porque havendo de sahir della gente, que depois governará o Secular, e o Ecclesiastico, tereis

em todos os Eſtados o meſmo poder, que tem o Paſtor no ſeu rebanho, conduzindo eſtes miſeraveis ignorantes a ſerem inſtrumentos das voſſas caballiſticas idéas. Outros vos fazem a honra de dizerem, que a Mocidade mais vicioſa, e indomavel he a que ſahe das voſſas Claſſes, e Collegios, onde ſe enſina toda a piedade, que naõ he a verdadeira, toda a Religiaõ, que naõ he a Catholica, e todo o Moral, que naõ he o Chriſtaõ; iſto he, aquelle, que enſinaõ os voſſos affamados Authores.

Proſeguem dizendo, que ſó tendes Eſcolas para ſaberdes dos rapazes o eſtado da ſua familia, e o que ſe paſſa em ſuas caſas, a fim de as poderdes dirigir muito à voſſa diſcriçaõ. Que o voſſo enſinar de graça ſe encaminha a pilhar pingues heranças, ou legados nos teſtamentos daquelles, que ainda de vós naõ fazem máo conceito. Que eſta voſſa chamada caridade ſe dirige a corromper, e enganar ou com a eſpecioſa cor de vocaçaõ divina, ou com as terriveis ameaças de condemnaçaõ eterna aos filhos herdeiros de caſas ricas, a fim de que viſtaõ a roupeta *Jeſuitica*, e vos conſtituaõ ſucceſſores na herança. Outros ha, que af-

firmaõ,

firmaõ, que vós tendes Claſſes, e Seminarios abertos, para terdes, ſempre que vos fizer conta, hum viveiro de ſediciosos, e amotinadores, os quaes poſto que a tenra idade os naõ ajude a grandes emprezas, ao menos ſempre ſaõ aptos para darem principio a algum grave diſturbio publico, e formal rebelliaõ.

Eu naõ ſey, ſe ſaõ certos, e bem fundados eſtes juizos que ſe fazem, além de outros, que a minha modeſtia de propoſito naõ quer referir: o que ſey (e vós tambem o ſabeis) he, que eſtas accuſações ſaõ taõ antigas, quanto as voſſas meſmas Eſcolas; ſaõ publicas, ſaõ geraes, e ſaõ authenticadas por factos mais claros, que a luz do meyo dia. Baſta ſó eſſe moderno que ſuccedeo em Fano, e ainda mal, que já o ſabe todo o mundo. Mas o peyor he, que temos authenticados eſtes factos por alguns dos voſſos meſmos, que em diverſos tempos eſcreveraõ, e repreſentaraõ às voſſas Congregações, ou Capitulos Geraes, a grande neceſſidade, que havia de reformar os voſſos Eſtudos. As razões que apontavaõ, eraõ fortes, mas nunca produziraõ o dezejado effeito. Entre eſtes voſſos zeloſos day huma viſta de olhos ao capitulo ſexto do

Diſ-

Discurso do P. Marianna, e a toda a famosa *Carta* do P. Giuli. Eu bem sey, que já muitas vezes tereis lido estas obrinhas, mas bom he refrescar a memoria.

Para vossa mayor confusaõ estas historinhas, que só vos dou a entender, correm authenticadas com outras infinitas por partes, onde se naõ sabiaõ, ou se fingia naõ as saber, como v. g. aqui em Italia: Estes factos saõ hoje o justissimo assumpto de repetidas Leys, e Edictos de hum dos mais illustrados Monarcas da Europa, os quaes levaõ dos Doutos, e e zelosos geraes applausos. Este he ao presente o vastissimo argumento de muitas Orações, que se recitaraõ em diversas Universidades, e Seminarios publicos, e correm impressas para eterna detestaçaõ dos vossos ridiculos methodos. Esta materia he que arma de santo zelo aos nossos immortaes *Timoleontes*, e aos nossos elegantissimos *Cesellios Filomastigis*; esta he a que fez escrever as excellentes *Cartas às Damas duvidosas* sobre se haviaõ de tirar, ou naõ, seus filhos da vossa educaçaõ; esta . . . . em summa esta materia he a que fez dar importantes avisos a toda a Italia a *alma de huma Marqueza*; isto he, a de *Tavora* em Portugal, enga-

nada,

nada, e induzida pelo voſſo Malagrida; a qual com o exemplo de hum Monarca; que he a gloria mais brilhante da noſſa Italia, anima neſta eſtancia aos outros Soberanos a ſeguirlhe as pizadas: Reparay nos verſinhos, que vem a declarar o que ainda agora a minha modeſtia naõ quiz dizer.

Rimane Sol, che con ugual impegno
Le ſcuole lor ſi tolgano, e i fanciulli,
Perche non gli corrompano l' ingegno,
Ne il ſeme di virtù diſperda, e annulli:
L' ha fatto altro Monarca nel ſuo Regno;
Geſuita non v' è, che ſi traſtulli
Cola', ne punto, o poco s' imbarazzi
A ſtaffilar le natiche ai ragazzi.

Que me dizeis a eſtes bellos elogios, que ſe fazem às voſſas taõ *benemeritas* Eſcolas? Eu tenho por certo, que ſe diſſeſſem outro tanto a eſtas deſaforadas mulheres, que aqui vivem em certas ruas entre Santa Cruz, e S. Ambroſio, ſe envergonhariaõ de modo, que deixariaõ o ſeu infame, e torpiſſimo officio. Pois ſe baſtaria para tal gente, naõ ha de baſtar para hum homem do voſſo naſcimento, ſobre quem como cabeça de toda a Companhia cahem

hem principalmente todas eſtas ignominias? Eu bem ſey, que vós outros *Jeſuitas*, logo que entrais nos cargos da voſſa Religiaõ, e ſois admittidos ao famoſo *ſegredo*, jurais (entre outras couſas) de vos deſpir de toda a humanidade, que de qualquer modo ſe opponha aos coſtumes, e vantagens da Companhia. Mas tambem creyo, que vós folheando o voſſo *Probabiliſmo*, podereis achar alguma boa opiniaõ provavel, de que eſte juramento às vezes naõ obrigue; v. g. quando ſeguindo taes ſentimentos de humanidade, reſulte contra o uſo inveterado mayor intereſſe, e honra à voſſa Companhia.

Mas no caſo que eſta opiniaõ naõ tenha algum fundamento, fazey de conta, que eu ſou hum homem, que eſtudou o ſeu tanto, ou quanto de Theologia. Julgai-me embora ignorante; baſtará concederme, que póde haver no mundo eſta opiniaõ, e que vo-la proponho, ainda que a naõ ſiga; mas muito mais baſtará, que vós meſmo a julgueis provavel, por ſerdes hum homem de grande pezo no mundo, e de grandiſſima authoridade. Iſto ſuppoſto, trazey à memoria aquelles ſentimentos de hon-

ra,

ra, que devieis herdar com o sangue, e pensay bem seriamente sobre esta materia, a fim de se praticar geralmente na Companhia este meu prudentissimo conselho. Nada de Classes publicas, nada de Collegios, porque saõ a causa de tantos vituperios, que contra a vossa Religiaõ se tem dito, e escrito ha dous seculos a esta parte.

Mas agora me lembra, que ainda vos naõ respondi à objecçaõ, que logo no principio deste Capitulo me fizestes, isto he, que os Estudos publicos saõ *a parte mais gloriosa, e importante do vosso Instituto.* Perdoaime, que por humas cousas esquecem outras. Ora que direis vós, se eu vos negar esta instancia? Com toda a urbanidade me chamareis hum temerario. Justo seria o nome, se eu fallasse à toa; mas o máo he para vós, que o nego com fundamento. Pegay nas vossas primeiras Constituiçóes, e mais que tudo na Bulla de Paulo III. em que permittia o vosso Instituto. Ora vede se descobris nella nem palavra pertencente à instituiçaõ de Escolas para o Publico. A unica permissaõ que tivestes, foy de ensinardes *os primeiros rudimentos da Doutrina Christã*, e nada mais consta da Bulla permissiva;

missiva; sim, foy *permissaõ*, e naõ *ley*, como nem vós mesmo negareis.

Logo fostes vós outros (segundo a conclusaõ do mesmo vosso P. Marianna no capitulo já citado) *os que tomastes a vós*, isto he, arrogastes, *o cuidado de ensinar outros estudos*. Com isto mesmo vos deraõ em rosto por muitas vezes aquelles famosos Parlamentarios, e Doutores Parisienses, que quasi presagos de quanto havia de succeder, se opposeraõ vivamente primeiro ao vosso estabelecimento em França, e depois à abertura das vossas Escolas. Foy inutil esta força, mas he porque vós valendo-vos das armas de huma restricçaõ mental sobre o juramento de naõ as abrirdes, prestado na solemne presença do Corpo do Clero, zombastes delle, da Universidade, do Parlamento, e de toda a França.

Porém permittamos, que seja ley fundamental, e inviolavel do vosso Instituto o abrir Escolas; dizey-me, e em Turim com todos os demais Estados felicissimos d'ElRey de Sardenha, onde por summa ventura daquelles Póvos naõ sois admittidos ao publico ensino, naõ he o mesmo o vosso Instituto? O caso he, que vós ainda naõ percebestes bem o meu

aſſumpto, ſe me vindes com tal objecçaõ. O meu unico ponto he, que haja em vós outros huma refórma geral, que apague o odio que juſtamente tem o mundo todo à voſſa Companhia. Para iſto ſeria preciſo com a devida Authoridade Pontificia refórmar o voſſo Inſtituto, tirando delle aquellas leys, e coſtumes, que por experiencia ſe tem viſto ſerem de prejuizo ao Publico, e a vós meſmos. Eſtabeleçaõ-ſe outras leys, e coſtumes oppoſtos aos preſentes, e que vos reſtituaõ a perdida reputaçaõ, e honra, que ſe deve às Familias verdadeiramente Religioſas. Por onde de nenhum modo deveis trazer à memoria, e fazer força lá nas voſſas antigas determinações, e uſos, que tanta ignominia, e odio vos rendem. Seria couſa galante, que quando os Bentos do Monte Caſſino, e outros Monges deixaraõ de educar a Mocidade, ou porque elles aſſim o quizeraõ, ou porque aſſim os obrigou a authoridade publica, torno a dizer, ſeria couſa galante que ſe oppozeſſem com o fundamento do antigo uſo, e leys da ſua Religiaõ. Se cahiſſem neſta ſimplicidade, haviaõ-lhes de reſponder: *O que agora ſe determina he iſto; abraçay a ley que agora derroga eſſes antigos coſtumes.*

Ora aprendey deftes Monges, e de outras Communidades Religiofas a Politica verdadeira, a qual certamente naõ confifte em cada hum fe obftinar em coufas, por onde poffa merecer a abominaçaõ, e odio de todos. Quantas coufas fe tem mudado no voffo Inftituto, porque fe acharaõ, que naõ eraõ boas, mas fim prejudiciaes à Companhia? Se duvidais difto, ledè todo o Capitulo fegundo do *Difcurfo* do voffo Marianna.

PONTO IX.

Deixar o Minifterio de prégar, confeffar, e dar Exercicios Efpirituaes.

ESta ferida ainda he mais mortal que a paffada. Oy, pareceme que vós eftou ouvindo, iffo he já muito apertar. Com que vós, Senhor Zelofo, eftais empenhado a fazernos Cartuxos? E que máo feria iffo, meu Reverendiffimo? Pois os Cartuxos naõ tem na Igreja de Deos toda a eftimaçaõ, que póde convir a huma Familia Religiofa? Tende paciencia; ouvime nefte Capitulo, que naõ contém materia menos neceffaria, que os antecedentes. Porém antes de entrar nel-

la, reduzamola a alguma limitaçaõ, para que naõ vos ſeja deſagradavel de todo. Deixem os voſſos Subditos de confeſſar, prégar, e dar os Exercicios Eſpirituaes ao menos por algum tempo, iſto he, até que na Refórma, que vos proponho, ſe eſtabeleça bem bem o ſanto temor de Deos, a Religioſidade, e o eſtudo do Moral verdadeiro; em huma palavra, até que chegue a apagarſe o mais leve veſtigio da voſſa antiga relaxaçaõ na Pratica, e na Theorica. Iſto, quanto a mim, ha de levar bons cincoenta annos. Chegado que ſeja o tempo de reaſumir a Companhia eſtes miniſterios, naõ o faça ella lá por ſua diſpoſiçaõ, mas eſpere que a obrigue o preceito expreſſo dos Biſpos, apreſentandoſe a exame, e recebendo delles a approvaçaõ, ſegundo o Concilio Tridentino, ſem lhe vir à cabeça o querer uſar dos ſeus ſuppoſtos(ou pelo menos obrepticios) privilegios.

As razões que ha em prova da grande neceſſidade de Refórma neſta materia, eu vo-las digo. Ha mais de duzentos annos, que ſois arguidos com factos evidentes de confeſſardes, prégardes, e fazerdes todos os demais officios Eccleſiaſticos,

ticos, ſem ſerdes chamados, e por conſequencia ſem terdes legitimo poder, e iſto com grande prejuizo da authoridade Epiſcopal. Prova-ſe: vós outros *Jeſuitas*, ſempre que quizeſtes, confeſſaſtes, e prégaſtes ſem ſerdes examinados, nem pedirdes licença ao Ordinario do Lugar: e terra houve, da qual antes quizeſtes ſer expulſos às pedradas, do que ſujeitarvos à authoridade do Biſpo. Os que aſſim confeſſaõ, confeſſaõ ſem legitima licença; logo vós confeſſais, prégais, &c. ſem authoridade legitima.

Naõ me quero metter na queſtaõ ſempiterna dos voſſos Privilegios, que ſempre vos diſputaraõ os Canoniſtas mais ſeveros, e os Biſpos mais zeloſos. O que digo he, que eſtes ou ſempre foraõ tidos por imaginarios [viſto nunca os quererdes produzir, talvez por naõ prejudicardes a outro ridiculiſſimo, de que tanto vos jactais, iſto he, de naõ poderdes ſer obrigados a moſtrallos em nenhum Tribunal Eccleſiaſtico, ou Secular] ſim, torno a dizer, ou eſſes Privilegios ſempre ſe julgaraõ fantaſticos, ou illegitimos. Baſtaria iſto para ſerem ſuſpeitoſas as voſſas abſolvições, e eſcrupulizarem muito dellas os penitentes de

juizo. Isto he pelo que toca à faculdade; com que confessais, e prégais.

Pelo que respeita ao vosso relaxadissimo Moral, todo o mundo clàma já hoje contra elle, e diz, que naõ ha excesso, costume, occasiaõ, ou habito de peccar, que no vosso *Probabilismo* se naõ possa unir com o uso frequente dos Sacramentos. Diz mais, que tendes Moral para Principes, para Damas, para Galans, para Negociantes, para Officiaes mecanicos, e para Criados. Nisto quer dizer o mundo, que as vossas Doutrinas se accommodaõ a todos os vicios; porque naõ se fundaõ em outro fundamento, senaõ no de agradar à plebe viciosa, ter do seu partido aos insensatos, e pilhar por toda a parte riquezas para a vossa Companhia.

Contarvos-hey hum galantissimo caso, que vem a proposito, e succedido aqui em Florença. Quando os vossos quizeraõ fazer o novo tecto à sua Igreja de S. Giovannino, lançaraõ huma finta por todos os seus Devotos. Vendo que esta ainda naõ bastava (quando talvez sobejaria) para completar todos os ornatos da obra, pararaõ com ella, ou lentamente proseguiraõ, deitando voz por toda a Ci-

dade qne para a acabarem lhes faltavaõ duzentos mil reis, os quaes naõ podia desembolçar o pobre Collegio. Disseraõ-lhes alguns ociosos, que applicassem para a obra os duzentos mil reis, que comia do nosso Augustissimo Soberano o Padre Nicolai como Theologo Imperial. Mas a galantaria do caso naõ está aqui. Hia hum Inglez Protestante com frequencia a casa de huma Dama viuva Florentina. Naõ agradava esta conversaçaõ a alguns parentes da Senhora, e foraõ ter com o seu Confessor o Padre.... (eu naõ quizera dizello, mas em fim digamo-lo, que a cousa foy publica) com o Padre *Richa*, pedindo-lhe que quizesse evitar a frequencia destas visitas. Eu naõ sey se este Padre fallou nisto à confessada no confessionario, ou se ella lhe determinou dia para lhe fallar commodamente em casa; o que sey he, que elle foy procurálla, e que logo passados os primeiros cumprimentos, appareceo o Milord. Apenas este comprimentou a Senhora, e ao Director, metteo logo pratica na obra do tecto. Sem demora pegou no ponto o bom do meu Padre, e arrancando hum suspiro, disse: Ah Senhor, para se acabar faltaraõ-nos as es-

molas:

molas. Pois quanto faltará, replicou o Milord? Duzentos mil reis pelo menos, acodio o Santinho. Pedio logo o Inglez papel, e penna, e passando huma ordem de cem zequinos, a deu ao Padre para que os fosse cobrar do Banqueiro para quem era passada, dizendo-lhe: Ahi tem, acabe a obra, e deixe-nos. Como se naõ tivesse mais cousa alguma em que fallar, para logo se despédio, correndo a cobrar a esmolinha, fruto da sua fervorosa missaõ à Confessada. Mas o peyor era (quem o ha de crer!) que dahi em diante se desfazia em elogios ao Protestante com estas, e semelhantes frazes: *Que generoso Senhor he o Inglez N.N... e que bom Christaõ! Faz vergonha aos Catholicos: a minha consciencia fora a sua.* Esta foy a resposta que deu o bom do Director a quem o mandara prégar à sua confessada, accrescentando: *Que ambos eraõ dous Anjinhos do Ceo, que naõ cahiaõ nem em hum peccadinho de pensamento, como elle mesmo examinara, ficando edificado da sua conversaçaõ.* Todos sabem [como já disse] este facto: e sabeis o que diziaõ as linguas satyricas? Que se naõ fora o summo respeito devido à Igreja, se deveria escrever no dito tecto este Epigrafe: *Turpis*

lucri ope, ou tambem *Lenocinii opera.*

Por onde naõ vos admireis dos que dizem, que em materia de confissões vos vem vivamente exprimidos pelo Profeta Isaias, onde diz: *Vah qui justificatis impium pro muneribus, & justitiam justi aufertis ab eo.* Naõ pasmeis de se saber, que vos servis dos confessionarios, para pescar as idéas dos Principes, para inquirir o que se passa nas casas particulares, para maquinar conjurações contra os Soberanos, e rebelliões contra todo o Estado, que naõ adora a Companhia. como naõ ha de saberse tudo isto se o mundo tem altamente impressas na memoria as vossas heroicas façanhas obradas em França, em Alemanha em Inglaterra, em Hespanha, e ultimamente em Portugal, das quaes (tende paciencia) sempre padecereis o mais horroroso castigo, dandose-vos em rosto com acções taõ infames, praticadas por meyo do sacrosanto Tribunal da Penitencia? Naõ espereis, que o mundo se esqueça das torpezas commettidas no confessionario pelos vossos *Girard*, *Biasucci*, *Buonsollazzi*, *Sisti*, e muitos outros, de que estaõ os livros cheyos, assim como dos factos de Montepulciano, do Santo Sepulchro,

de Arezzo, e de Veneza. Por modeſtia naõ vo-los quero referir; mas naõ ha muito que vo-los fez lembrar o Author das *Reflexões*, e *Appendix* ao voſſo Memorial, &c.

Todas eſtas accuſações, de que o mundo vos faz réos, bem ſabeis que naõ ſaõ inventadas, mas ſim taõ antigas, como a meſma Companhia. De ellas tanto ſe ſaberem, vós meſmos tendes toda a culpa, porque em lugar de as abafar logo no principio em hum neceſſario, e politico ſilencio, publicaſtes Apologias, que ſó vieraõ a fazer taõ demonſtradas as culpas, como as propoſições Geometricas. Crede, meu Padre Reverendiſſimo, que eſtas, e outras mil hiſtorinhas voſſas ſaõ o divertimento dos ocioſos nas converſações, e nos Theatros; ſaõ o odio, e deteſtaçaõ dos bons; ſaõ o medo, e deſconfiança dos Biſpos zeloſos, e o cuidado vigilante dos Magiſtrados, e dos Miniſtros dos Gabinetes, vendo todos, que os confeſſionarios, os pulpitos, e os lugares dos Exercicios Eſpirituaes ſaõ para vós humas officinas de iniquidades: provera a Deos que o naõ foſſem!

A propoſito de pregações, e Exercicios

cicios Eſpirituaes, em Março paſſado me mandaraõ de Arezzo hum bello Epitafio Latino, e impreſſo contra o voſſo famoſo Padre Scarponi, em agradecimento de ter dado no principio do anno [ſegundo o coſtume] Exercicios àquelle Povo. Eu ſim vos mandara eſta Inſcripçaõ, ao menos copiada, mas naõ o faço, aſſim porque tenho por impoſſivel naõ vos ter já chegado à maõ, como porque o Amigo que ma remetteo, me pedio em nome do Author, que a naõ largaſſe de mim, porque os ignorantes a conſtruiráõ com máo ſentido, e elle eſtava arrependido do eſcandalo *paſſivo* que dera, bem contra ſua vontade; porque naõ fora elle, mas hum ſeu Amigo, quem imprimira o Papel. Elle na verdade he mordaz; mas examinai-o vós ſem paixaõ, e vereis, que nenhum teſtemunho levanta ao voſſo Subdito. Eu ſey, que aſſim em Arezzo, como em Sena, e em Prato, onde deu exercicios, huns ſó para ſe divertirem, o hiaõ ouvir; outros para notarem os ditos picantes, com que feria a todas as claſſes de peſſoas, eſpecialmente os Nobres, e os Regulares; outros hiaõ para ouvirem as ridiculas Apologias que fazia da Com-

panhia

panhia contra ElRey de Portugal, e do ſeu Miniſterio. Eu entendo, que talvez eſte ſeria o unico fim de dar os Exercicios Eſpirituaes, e o copioſo fruto que queria tirar delles. Além diſto ſey tambem o como eſte famoſo Exercitante fora tratado em Perugia, e em Sena por conta da ſua lingua, e penna ſatyrica contra todos. Neſtes termos naõ percebo a razaõ, porque ſe eſcandalizaraõ os Aretinos com o tal Epitafio, quando he certo, que elles no meſmo acto dos Exercicios diziaõ rayos do Exercitante: creyo que a razaõ foy chegar a Inſcripçaõ a Arezzo já fria, iſto he, depois de paſſado mez e meyo. Eſtavaõ os animos já com outras idéas, que tinhaõ apagadas as dos eſcandaloſos Exercicios: certamente foy iſto; aliàs naõ entendo os Aretinos.

Mas tornando ao meu ponto, eu nada tenho com o Padre Scarponi, nem com nenhum outro da voſſa Companhia. Conto-vos eſta novidade, para que vejais a honra que vos fazem os voſſos Exercicios Eſpirituaes. Reſolveivos pois, Padre Reverendiſſimo, à viſta de tantos opprobrios a abolir totalmente na nova Refórma eſte ſanto miniſterio. Naõ quiz citar-

vos

vos livros nesta materia, assim por naõ quebrar o proposito que fiz, de naõ querer em huma Carta arrotar erudições comvosco, como porque a fazello, escreveria hum grossissimo volume, para cujo trabalho naõ estou por ora. Concluo dizendo-vos, que neste ponto he contra vós outros taõ forte a presumpçaõ, ou popular, ou legal, que ainda que inteiramente mudasseis de methodo nos confessionarios, nos pulpitos, e nos lugares dos Exercicios Espirituaes praticando, como deve ser, estes santos ministerios, nunca cessaráõ contra vós as declamações, e os livros, em quanto vos naõ pozerdes em huma total inacçaõ por cincoenta annos, como no principio vos disse.

PONTO X.

Ceder solemnemente de todos os exorbitantes Privilegios, ou verdadeiros, ou suppostos, e queimar todas as Memorias *delles.*

NAõ ha cousa taõ odiosa no mundo, quanto o querermos fazer figura de singulares, e izentos das Leys communas. He impossivel que naõ vos tenhaõ che-

chegado aos ouvidos as altas rizadas que daõ os judiciosos , zombando dos vossos privilegios. O caso he, que elles o merecem pela sua galantaria. Publica-se huma Bulla de hum Papa , a qual diga respeito à Companhia ; e que fazeis vós? Logo atraz della appareceis com hum privilegio , que vos izenta de a aceitar , e publicar , e vos dá faculdade talvez de a rasgar , e pizar aos pés em alguma Igreja do Malabar à vista de todo o povo , e logo publicar outra contraria à Pontificia. Isto fizestes vós já , mas ainda o naõ fizeraõ esses que vós em França apregoais por Jansenistas. Querem-vos sujeitar a algum Canon dos mais solemnes do Concilio Tridentino , que defenda a jurisdiçaõ dos Bispos: eis outro privilegio , que vos faz superiores aos Bispos , ao Papa , e aos Concilios. Pedese-vos , que produzais estes privilegios ; e desembaraçai-vos deste ataque , dizendo que tendes privilegio (talvez em fórma de *vivæ vocis Oraculum*) que vos izenta desta obrigaçaõ , graça até confirmada pelo Direito das Gentes. Se vem algum Papa , que seriamente vos quer tirar estes privilegios , para logo vos oppondes com outro muito mais estrondo-

ſo, iſto he, que naõ vo-los pódem tirar nem o Papa, nem hum Concilio Geral, *porque foraõ privilegios dados por modo de contrato oneroſo, e naõ por mera graça: Do, ut des; facio, ut facias.*

Ora iſto he poſſivel? Pelo amor de Deos naõ vedes, que aſſim vos fazeis naõ ſó odioſos, mas ridiculos a toda a claſſe de peſſoas? Naõ ſabeis, que para ſe chamar *imaginario* a algum privilegio, coſtumamos dizer por proverbio: *Eſſe he como os privilegios dos Jeſuitas?* Acabay de perſuadirvos, Padre Reverendiſſimo, que naõ ha peſſoa de juizo, que tenha por verdadeiras eſſas voſſas ſonhadas graças: todos juſtamente ſe rim, e riráõ delles *in æternum*, *& ultra*, como objectos ridiculos, dignos do deſprezo dos Sabios. Deixaivos, deixaivos por huma vez deſtas venidas, que já todos ſabem, e conhecem: eſtay pelas leys commuas das outras Religiões, e para o futuro naõ aceiteis algum privilegio por qualquer motivo que haja, e ſeja eſte hum ponto principaliſſimo da pretendida Refórma. Naõ vivem as outras Ordens Religioſas, eſpecialmente muitas Monacaes, ſem tantas iſenções? E naõ ſaõ muito mais diſtinctas, e reverenciadas do

que

que vós? Pelas meſmas artes, e louca Politica, com que os voſſos Antigos tanto ſuaraõ por vos pôr de modo, que levantaſſeis a cabeça ſobre todas as Religiões, vieraõ elles a armar o affrontoſo abatimento, a que preſentemente vos vedes todos reduzidos.

PONTO XI.

Queimar todos os livros (exceptuando alguns poucos) que trataõ de materias Theologicas, e reformar os Eſtudos domeſticos, de maneira que dos antigos naõ fique memoria no mundo.

ESte ponto preciſamente ha de ſer para vós muito aſpero, e duro; porém a ſua neceſſidade até os meſmos cegos a vem; e vós ſe vos intereſſais (por pouco que ſeja) na reputaçaõ da Companhia, naõ deveis ter a minima duvida em fazer o que aponto neſte Capitulo. Dizeime por quem ſois: que contém toda eſſa vaſta Bibliotheca de Authores *Anti-Jeſuiticos* em Italia, que paſſaõ de quinhentos, ſegundo as contas do voſſo Eſcritor Bottagrifiano, ſe bem que podia ſer mais copioſa? Mas eu vos digo o que conprehende

hende taõ curiosa Collecçaõ. Contém pela mayor parte doutas confutações, e elegantissimas invectivas contra os grandes desproposítos dos vossos Escritores. Só em materia de Moral tendes vós hum bom numero delles, cujas doutrinas fazem arripiar os cabellos até aos mancebos mais dissolutos: como estas andaõ já confutadas em muitos livros, e estes saõ vulgares, por isso naõ vo-las expendo. Quanto mais, que vós sabeis muito bem o pessimo nome, que tem no mundo Literario huma grande parte dos vossos Theologos, e Casuistas. Delles exceptuo alguns poucos, que entre vós outros apenas se nomeaõ, quando aliás saõ os que mais vos honraõ, porque naõ foraõ com aquella torrente, que tanto vos tem submergido em hum abismo de oprobrios.

Desta vossa geral relaxaçaõ, e audacia em opinar sobre materias taõ graves, quaes saõ as da consciencia, argumenta optimamente o publico, que tantos desproposítos, e até heresias, naõ saõ doutrinas dos vossos Doutores particulares, mas de toda a *Escola Jesuitica.* Isto está mil vezes demonstrativamente provado por gravissimos Authores. Para estabelecerdes pois novos Estudos, que vos dem

hum honroſo lugar no ſeculo, e na Igreja, ſervi-vos do voſſo Marianna, e ſobre tudo do celebre P. Mabillon no ſeu admiravel Livro de *Studiis Monaſticis*. Guardaivos muito de pôr em campo para eſta empreza ao voſſo aborrecidiſſimo Molina, que com a ſua *Sciencia Media* tem ſido origem de tantos erros, e inſtrumento de tantas diſcordias. Ora como o odio em que eſtaõ os voſſos Eſtudos, vos veyo de terdes até aqui perſeguido taõ indignamente a Eſcola Auguſtiniana, e Thomiſtica, ouvi hum lance de fina Politica, que agora me occorre, mas fundada em razaõ. Naõ vos caya a viſeira, nem eſpanteis os olhos ao lerdes eſtas regrinhas. Para a Theologia Dogmatico-Eſcolaſtica manday que ſe ſiga nas voſſas Aulas particulares o *Curſo Theologico* do P. Berti, e para o Moral a *Theologia Chriſtã* do P. Concina, e para Compendio eſcape embora do fogo a do voſſo *Antoine*.

Feito iſto aſſim, começará o mundo a crer, que verdadeiramente vos quereis emendar, e cumprir com a rigoroſa obrigaçaõ de reſtituir a fama, que tiraſtes a eſtes dous grandes homens, chegando até a pollos na voſſa deteſtavel *Bibliotheca Janſeniſtica*. E oh quanto ſeria por todos os

bons

bons louvado, se esta grande fogueira de quasi todos os vossos Escritores Theologos se fizesse por vós mesmo em hum lugar bem publico, v. g. em huma Praça de Roma, e a accendesse aquelle mesmo Algoz, que por vossa insinuaçaõ, ou ao menos por vosso conselho, queimou ultimamente aquella *Demonstraçaõ* de obsequio &c. Oh! entaõ sim, que eu vos chamaria hum grande Politico. Tenho dito o que basta sobre este ponto, se vós me quizerdes entender.

PONTO XII.

Amar, e respeitar todas as Ordens da Jerarquia Ecclesiastica.

ESte ultimo Capitulo naõ he de pouca importancia, para entrardes na amisade do mundo. Assim como o desprezo, e odio chama por odio, e desprezo, assim o amor, e o respeito convida para respeito, e amor: *Si vis amari, ama.* Ora envergonhaivos, meus Padres, envergonhaivos huma vez. Que sinaes de caridade, e de veneraçaõ tendes até aqui mostrado para com as Ordens Religiosas, para com o Clero

Secu-

Secular, e para com a Dignidade Episcopal? Parece, que sois taõ incapazes de amar sinceramente a alguem, como fosses capacissimos de vilipendiar, calumniar, e perseguir até à ultima differença a todos os que vos faziaõ inveja, porque innocentemente vos excediaõ nas glorias. Que bem vos quadraõ aquellas palavras dos Actos dos Apostolos: *Quem Prophetarum non sunt persecuti Patres vestri? Sicut Patres vestri, ita & vos.* Com todos tendes investido, e a todos pretendestes abater. Mas chegou o tempo fatal de experimentardes o premio devido ao vosso genio cruel, e invejoso: *Utinam ad emendationem!* Todo o mundo, especialmente Ecclesiastico, e de qualquer das Jerarquias, está contra vós, exceptuando esses miseraveis idiotas ou vossos *Pensionarios*, ou vossos *Devotos*, se bem que nem ainda elles sinceramente vos amaõ.

Deponde pois esse espirito de arrogancia, de soberba, e de inveja; revestivos de humanidade, e de geral benevolencia com todos, aprendendo dos Politicos mundanos, os quaes se bem que raras vezes amem, e respeitem a alguem com sinceridade, com tudo sempre exteriormente o mostraõ. Nisto (tende paciencia)

ciencia) naõ usastes daquella Politica, que o mundo em vós suppunha. Por isso deveis agora mostrar com huma Politica Christã o quanto vos enganara até aqui a do nosso Machiavello.

Eu naõ quero por ultimo entrar (já que em toda esta Carta o naõ fiz) a provar isto com factos, que vos saõ bem injuriosos: vós assaz os sabeis, e eu naõ estou para escrever tomos sobre tomos em taõ vasta materia, que livros quasi infinitos ainda naõ poderaõ exhaurir. Mas sempre vos quero referir hum Problema, que actualmente se está imprimindo em huma Cidade de Italia para nova honra, e mayor gloria da vossa *benemerita* Companhia. Póde ser que este baste, para vos resolverdes a praticar na nova Refórma o presente capitulo. O Problema he este: *Se soffreraõ mais os Macabeos em poder de Antioco, ou os innocentes às mãos dos Jesuitas.* Se o Author he bem instruido nos vossos Fastos, teremos que ler longos volumes, os quaes provem com authenticos, e copiosissimos documentos o como se vos deve a precedencia. Mas se naõ for versado na vossa Historia, naõ faltaraõ bons zelosos, que o ajudem nesta falta.

Eisaqui

Eisaqui tendes, P. Reverendissimo, o que por ora me occorre para a Refórma da Companhia. Torno a rogarvos, que pondereis estes doze Capitulos sem paracleto, mas só por só, ajudado unicamente das luzes do vosso claro entendimento. Bem vedes, que eu só tratey da vossa *externa Refórma*; e confesso, que o naõ fiz de modo, que a estes Pontos naõ se possaõ accrescentar outros: accrescentay-os vós, o que naõ vos será difficultoso, hindo pelo seguro rasto, que vos deixo. Pelo que toca à vossa *Refórma interna*, o meu voto he, que vos encosteis a alguma Regra antiga, e approvada na Igreja: a de S. Bento v. g. seria excellente. Novidades sempre saõ odiosas, e sujeitas a erros; e por isso com razaõ se admirava o vosso Marianna, dizendo, que naõ sabia o como os vossos antigos Padres cahiraõ no errado systema de plantar huma Religiaõ com Leys, e Governo taõ dessemelhante do das outras Sagradas Familias, que a Igreja já tinha approvado. Que essa era a razaõ (contiנúa o mesmo illustrado *Jesuita*) de ser o governo da Companhia taõ deforme, monstruoso, e aborrecido do mundo, ao mesmo tempo que eraõ amadas outras

Religiões, que vindo depois da Companhia, seguiraõ os vestigios de outras Regras já provadas.

Fallou este homem com hum zelo igual ao seu grande juizo; mas fallou às paredes, e naõ aos seus Companheiros. Naõ quizeraõ deixarse convencer de huma verdade, por muitos principios solida. Hum só que vos aponte, bastará para vos dardes por convencido. E vem a ser, que se succeder com o tempo experimentarem-se defeituosas, ou pouco seguras na pratica estas Leys adoptadas, os defeitos naõ seraõ attribuidos a vós, mas a esses primeiros, aos quaes pedistes emprestadas as Regras, e assim naõ sereis vós os motejados, e aborrecidos. Além de que, poderá succeder, que os defeitos naõ consistaõ na Ley, mas no modo de a observar; e nestes termos para vos emendardes, e hirdes pelo caminho seguro, naõ tendes mais, do que executar o que praticaõ aquellas Ordens observantes, que antes de vós abraçaraõ a mesma Regra.

Disse-vos, que o meu voto he, que mais do que qualquer outro Instituto, tomasseis o de S. Bento, porque sey, que deveis ser especialissimos devotos desta

Regra,

Regra, por ter ſido a primeira, que como *Oblato*, ou *Servente* obſervou o voſſo Santo Patriarca, e que tal vez vos deixaria por Inſtituto, ſe o voſſo ambicioſo Laynez, e outros naõ foſſem à maõ ao Santo, que antes de hir para o Ceo teve o vivo deſgoſto de ver mal logradas as ſuas ſantiſſimas intençoes com mil deſordens, e pernicioſas conſequencias, das quaes nos informa a Hiſtoria.

De outra couſa vos quero advertir, antes de acabar eſta, que já vay ſendo muy extenſa. E vem a ſer, que cuideis muito ſeriamente, em que na nova Refórma por nenhum modo ſe chame à voſſa Religiaõ *Companhia de Jeſus*. Vós ſabeis, o quanto todo o Chriſtianiſmo vos leva a mal eſta Denominaçaõ, tendo-a por arrogante? Logo nos voſſos principios o celebre Belchior Cano, a Univerſidade da Sorbona, e muitos outros homens zeloſos diſſeraõ, que eſte *titulo* era commum a todos os Chriſtãos; por onde naõ vos diſtinguia do Corpo da Chriſtandade, ou era huma Denominaçaõ arrogante, que vos fazia ſoberbos, caracteriſando-vos com ella. Bem ſabeis o ruido, que hum tal nome fez em Pariz, de modo, que vos viſtes obrigados a ju-

rar, que nunca delle uſarieis, ſe bem que o juramento foy dos voſſos coſtumados. Bem ſabeis finalmente o quanto os Doutos deſte ſeculo zombaõ de hum tal titulo, cuidando muito (e com o exemplo delles os que contra vós eſcrevem) em naõ vos chamarem Padres, ou Religioſos da *Companhia de Jeſus*, mas ſim por huma eſpecie de irriſaõ continua, *Eſſes da Companhia a que chamaõ de Jeſus*; e ſe alguma vez eſcrevem *Jeſuitas*, ou *Companhia de Jeſus*, he com letras diverſas, como eu faço neſta Carta. Ora pois naõ ſó por politica, mas por juſta reverencia ao Auguſto, e Diviniſſimo nome de Jeſus muday de titulo, e chamay-vos *Ignacianos*, ou *Loyolitas*, ou por outro qualquer modo, que vós quizerdes, e o determinar a Sé Apoſtolica. Naõ ſeria máo que com o nome, e Inſtituto mudaſſeis tambem de *Habito*, pelas razões, que aponta o voſſo P. Inchofer.

Muito mais tinha que dizervos, mas a Poſta eſtá a partir, e vós ao chegar aqui, já naõ eſtareis com paciencia de aturar mais as minhas zeloſas idéas. Eilo vay, baſtará que façais ſeria reflexaõ em tudo o que vos eſcrevo; e vede lá bem [outra vez vo-lo peço] naõ pilhem eſta

Carta esses vossos Chapeirões, que nunca vos largaõ. Se naõ vos quadrar esta minha idéa [que devia agradarvos, se naõ quereis ver extincta a vossa Companhia] communicay secretissimamente este negocio com o Papa, prevenindo-o antes de tudo a que segure bem bem todos esses Machiavelistas, que formaõ o vosso conselho, e todos os demais, que supondes capazes de pôr fogo a Roma; e faça-se esta diligencia, antes que saiais do Palacio do Papa.

Depois sem dizer a nenhum dos vossos o motivo desta novidade, continuay o negocio com Sua Santidade sómente, e tanto que o julgardes em termos de produzir o bom effeito, pedindo-se tambem adjutorio aos Principes Seculares [estou certo que naõ vos haõ de faltar] publicay a Refórma. Animo, P. Reverendissimo, que se trata de apagar os vossos labéos, e evitar huma universal ruina, que tal vez naõ está longe. Day huma vista de olhos a toda a Historia profana, Ecclesiastica, e Monastica: em qualquer dellas vereis refórmas sobre refórmas; porque he inevitavel condiçaõ das cousas humanas, naõ se poderem miudamente prever, e acertar logo de modo, que

resistaõ

resistaõ a todo o tempo, e a todos os accidentes, a que está sujeito tudo o que he terreno; especialmente as cousas que naõ saõ fundadas sobre os firmes fundamentos do Santuario, mas sobre imaginações vãs de huma Politica mal entendida. Sobre isto será preciso, que folheeis ao vosso P. Marianna.

Oh que me hia esquecendo de huma importantissima cousa: procurey até agora darvos regras fixas para pôr a vossa Companhia em bom conceito com o mundo; mas hia-me passando por alto polla tambem em boa reputaçaõ com huma grande Potencia da Europa, que lhe deu humas mortaes feridas, das quaes actualmente corre sangue. Por certo que nunca destas sarareis, em quanto a vossa Religiaõ for viva: Deos vos livre de padecer ainda mais profundas lançadas. Esta Potencia, em outro tempo taõ benefica à vossa Companhia, bem sabeis que he a de Portugal. Sabidos saõ os justissimos motivos para o seu procedimento; naõ quero gastar tempo nem em referillos, nem em contar os gravissimos damnos, que tendes experimentado a este respeito. O que só vos digo, he ser summamente preciso, que os vossos primeiros

passos na Refórma sejaõ dar a Sua Magestade Fidelissima todas quantas satisfações elle quizer, pelas innumeraveis offensas, que tendes feito no decurso de poucos annos (por naõ fallar nas antigas) à sua Sagrada Pessoa, ao seu Throno, e a todo o seu Reino, e Dominios.

Naõ hesiteis neste ponto: tende por hum effeito de grandissima clemencia todas as condições, que este Soberano vos prescrever por meyo do seu sabio Ministerio, ao qual tambem naõ he pouca a obrigaçaõ, em que estais, por mais que o negueis. E porque nessa maldita tramoya metestes tambem a Grandes Personagens, he preciso igualmente, que vós usando do alto poder que tendes nellas, as induzais a que dem a sua Magestade Fidelissima a publica satisfaçaõ que merece aquelle Principe offendido. Dizey huma vez em vossa vida: *Peccavimus, iniquè gessimus*: e naõ vos pareça cousa estranha induzir os vossos Complices, e Protectores a que façaõ o que devem. Eu entendo que isto vos ha de ser facil, se lhes fallardes de véras; mas quando acheis nelles alguma resistencia, entray logo, antes de estabelecer a Refórma, a praticar o que vos digo no Capitulo quar-

quarto, e vereis como a medicina obra per si mesmo. No caso que nem ainda isto baste, imploray o auxilio do braço Pontificio, que presentemente vos he propicio.

Mas de quanto vos tenho dito a respeito da Corte de Portugal, naõ tireis por consequencia, que quero lisonjear essa vã esperança que tendes, e que todos os dias espalhais pelo povo, já por vós mesmos, já por meyo dos vossos Noveleiros, de tornar para aquelle Reino. Naõ he esse o meu animo, Padre Reverendissimo; mas sim tirarvos hum labéo taõ enorme, e que horroriza ao mundo. Sem esta publica satisfaçaõ, ainda que façais cem Refórmas, sempre sereis affrontosamente apontados com o dedo, por naõ quererdes satisfazer a huma obrigaçaõ de Christãos. Estes saõ os dous pontos, que, mais que tudo, vos devem causar cuidado nas presentes circunstancias. Deste modo transformados em novos homens he que poderá haver esperança, de que ganheis aquelle credito, que nunca tivestes entre os judiciosos, e que nestes ultimos tempos o perdestes até no conceito daquelles, que vos estimavaõ, ou que naõ vos tinhaõ desaffeiçaõ.

Des-

Desta maneira he que tambem resarcireis em alguma parte aquella honra que Vós, e os vossos Protectores nossos Patricios tiraraõ à nossa Patria neste rompimento com a Corte de Portugal.

Perdoaime, Padre Reverendissimo, o ter sido hum pouco extenso nesta Carta, e crede que naõ tive tempo para estudar em ser Laconico. Tal he a pressa, que com medo de que parta o Correyo naõ posso passar pelos olhos o que escrevi; e assim desculpay os erros que encontrardes, persuadindo-vos, de que as razões de bom Patricio, e de antigo Amigo he que me moveraõ a escrevervos com toda a simplicidade, e candura. Com a mesma reflecti seriamente em quanto vos digo, e depois decidi, se vos deveis aproveitar, ou se totalmente merecem desprezo estas reflexões. Florença, em Agosto de 1761.

Vosso

N.. N.: